

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LÍNGÜÍSTICA**

**O LÉXICO DOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS
NOS JORNAIS DO RECIFE DO SÉCULO XIX
(1853-1855)**

ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS

Recife
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Bastos, Ana Karine Pereira de Holanda
O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853-1855) / Ana Karine Pereira de Holanda Bastos. – Recife : O Autor, 2007.
110 folhas: il., fig., quadros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Lingüística, 2007.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Linguística. 2. Anúncios - Pernambuco. 3. Léxico. 4. Escravos – Pernambuco. I.Título.

**801
410**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**UFPE
CAC2007-
41**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

**O LÉXICO DOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS
NOS JORNAIS DO RECIFE DO SÉCULO XIX
(1853-1855)**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal de Pernambuco para
obtenção do grau de Mestre em Lingüística.*

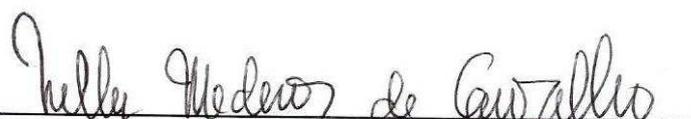
ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS

Orientador: Nelly Medeiros de Carvalho

Recife
2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

Banca
Examinadora:



Nelly Medeiros de Carvalho - Orientadora



Marlos de Barros Pessoa - Examinador



Francisco Caetano Pereira - Examinador

ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS

*Aos homens,
que me deixaram mais
pertinho do céu:*

*Rafael, meu filho, guerreirinho,
pela esperança que
me desperta nos sonhos futuros;*

*meu esposo Marcelo Bastos,
pelo amor e fidelidade dedicados.*

*Ao meu Papai Holanda (In memoriam),
por tudo que foi (e é) para mim:
acolhedor e amigo!*

AGRADECIMENTOS

Toda pesquisa requer o auxílio de pessoas que contribuem para a efetivação do trabalho. Dessa forma, agradeço àqueles que colaboraram de alguma maneira me impulsionando aos estudos e na elaboração desta Dissertação.

À prof. Dra. Nelly Carvalho, minha orientadora, a quem eu agradeço à disciplina, a dedicação aos estudos, a quem eu aprendi a não ser “*o carrasco que fere as ovelhas e nem a ovelha nas mãos dos algozes*” e acima de tudo a quem me faz acreditar em mim mesma.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE;

Aos meus queridos mestres, Márcia Mendonça; Luzilá Gonçalves; Abuêndia Padilha e Marlos Pessoa, este em especial, pelas observações pertinentes e valiosas na finalização desta pesquisa;

Aos colegas e amigos, Siane Gois pela amizade e incentivo aos estudos; Luciana, pela força transmitida nas conversas intermináveis; Paloma Borba pela amizade; Mariana Reis, pela dedicação à nossa amizade apesar dos desencontros cotidianos; Hítalo Wagner, pela grandiosa contribuição na transcrição do trabalho para língua inglesa; Rebeca Lins, Amanda Albuquerque e Sandra Wanderley, companheiras do Núcleo de Estudos Histórico-lexicológicos da Língua Vernácula do Estado de Pernambuco - NEHLLV;

Ao CNPq e FACEPE pelo apoio e pelas bolsas de estudo e financiamento da pesquisa;

À minha mãe, mesmo longe, sempre presente.

Aos meus irmãos Hélio, Ana Lyny, Pedro Neto e Layana, a “*Grande Família*”;

Ao meu sobrinho e afilhado Matheus Mariano, a quem eu descobri que o primeiro amor não o esquecemos, jamais!

Aos meus sogros Luzimar Bastos e Marcílio Vellozo, pela presença como pais e orientadores; em especial a minha sogra, pela dedicação dispensada ao meu filho enquanto eu concluía este trabalho; a Márcia Bastos e Álvaro Barbosa, a quem os laços de amizade por mim se construíram como laços de sangue. Enfim, à família que me abraçou como filha e amiga;

Ao Recife, cidade acolhedora onde encontrei oportunidade para estudar, trabalhar e desenvolver as minhas potencialidades;

É indispensável registrar que as eventuais falhas ou erros encontrados porventura neste trabalho são de minha inteira responsabilidade.

A **DEUS**, grandioso, por tudo.

“(...) Esses meninos, que aí andam jogando peteca, não viram nunca um escravo... Quando eles crescerem, saberão que já houve no Brasil uma raça triste, votada à escravidão e ao desespero; e verão nos museus a coleção hedionda dos troncos, dos vira-mundos e dos bacalhaus; e terão notícias dos trágicos horrores de uma época maldita: filhos arrancados ao seio das mães, virgens violadas em pranto, homens assados lentamente em fornos de cal, mulheres nuas recebendo na sua mísera nudez desvalida o duplo ultraje das chicotadas e dos olhares do feitor bestial. Saberão tudo isso, quando já tiverem vivido bastante para compreender a maldade humana, quando a vida já lhes houver apagado da alma o esplendor da primitiva inocência; e, decerto, um frêmito de espanto e de cólera há de sacudi-los.

Mas a sua indignação nunca poderá ser tão grande como a daqueles que nasceram e cresceram em pleno horror, no meio desse horrível drama de sangue e lodo, sentindo dentro do ouvido e da alma, numa arrastada e contínua melopéia, o longo gemer da raça mártir, - orquestração satânica de todos os soluços, de todas as impressões, de todos os lamentos que a tortura e a injustiça podem arrancar a gargantas humanas... A distância, tanto no espaço como no tempo, atenua a violência das impressões.

(...) A distância no tempo tem o mesmo benéfico efeito da distância no espaço. Nós não podemos ter hoje uma idéia nítida do que foram, por exemplo, os pavores da inquisição: o ulular das vítimas do Santo Ofício atenuou-se e morreu, sem um eco. E o horror que hoje nos causa a leitura daquela infinita narração de atrocidades, é um horror puramente literário. Longe dos olhos, longe do coração, - diz o velho prólogo; a distância é o pintor miraculoso que faz aparecer, no fundo do quadro, vagamente esfumadas numa névoa indecisa, cousas que, vistas de perto, só causariam repugnância e aflição.”

*A Escravidão
de Olavo Bilac*

*“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!”*

*V Canto de Navio Negroiro
Castro Alves*

RESUMO

HOLANDA BASTOS, Ana Karine P. de. 2007. *O LÉXICO DOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS NOS JORNAIS DO RECIFE DO SÉCULO XIX - 1853 a 1855*. Dissertação de Mestrado em Lingüística – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Esta pesquisa tem como objetivo reconhecer e analisar os aspectos lexicais e fraseológicos e as estratégias discursivas presentes nos anúncios de escravos de 1853 a 1855, extraídos do jornal *Diário de Pernambuco*. A pesquisa se desenvolveu sob este aspecto: análise dos anúncios, descrição do regime enunciativo e interpretação sócio-ideológico-cultural dos dados. A metodologia consistiu em: 1) Fazer o levantamento dos termos, 2) Organizar o *corpus* dos anúncios, 3) Analisar de forma diacrônica e sincrônica a estrutura textual e os aspectos discursivos do *corpus*, 4) Fazer o levantamento do léxico usado, identificando aspectos ideológicos e culturais. Nossa investigação não envolveu uma discussão sobre o *gênero* publicitário, ressaltando que naquela época, ele ainda não era constituído como o conhecemos na atualidade. A escolha do tempo e espaço em que circularam os periódicos deve-se ao fato de o Recife, no século XIX, ter sido o pólo cultural de toda a região Nordeste; e os acontecimentos sociais e históricos da cidade estão registrados nos anúncios do jornal. Os resultados apontam para um discurso que visava a informar um determinado acontecimento (fuga, venda, aluguel) de escravos e objetivavam a um efeito perlocucionário (captura ou compra/ aluguel). Na sociedade escravocrata, em meados do século XIX, escravos e imóveis são ilustrativos da condição de “coisas” e como tais podiam ser vendidos, alugados ou permutados.

Palavras-chave: anúncio; léxico; escravo.

ABSTRACT

HOLANDA BASTOS, Ana Karine P. de. 2007. *O LÉXICO DOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS NOS JORNAIS DO RECIFE DO SÉCULO XIX - 1853 a 1855*. Dissertação de Mestrado em Lingüística – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

This research aims at recognizing and analyzing lexical and phraseological aspects as well as the discursive strategies present in newspaper announcements on escaping slaves over the years of 1853 to 1855, extracted from the *Diário de Pernambuco*. The research was carried out taking into account aspects: Analysis of newspaper announcements, description of the enunciative regime, social-ideological-cultural analysis of the data. The methodology consisted of 1) Compiling of the terms, 2) Organization of the corpus of announcements, 3) synchronic and diachronic analysis of text structure and the discursive aspects of the corpus, 4) compiling of the lexicon used, identifying cultural and ideological aspects. Our investigation did not involve a discussion of the advertising genre, pointing out to the fact that by that time it was not constituted as we currently know it. The choice of space and time in which they were embedded is due to the fact that 19th-century Recife was a cultural center for the entire northeast region: and the historical and social events of the city are recorded in the newspaper announcements. The results point to a discourse aimed at informing about a specific event - the flight, selling, or rent of slaves - with the objective of reaching a perlocutionary effect (capture or purchase/rent). In mid-19th-century slave society, slaves and real estate are an illustration of the condition of “things” and as such they could be sold, rented or exchanged.

Key-words: advertising; lexicon; slave.

SUMÁRIO

1 Introdução	13
1.1 Metodologia	15
1.1.1 os níveis de análise	16
1.2 Hipótese	18
1.3 Justificativa	18
1.4. Objetivos	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 Sincronia e Diacronia	21
2.2 História da Publicidade	23
2.3 Recursos do discurso publicitário: o anúncio.....	26
2.4 Teoria Lexical.....	29
2.5 Teoria dos Atos de Fala e os Anúncios	30
3 CONTEXTO HISTÓRICO	33
3.1 A escravidão	33
3.2 As mulheres no sistema escravista	39
3.3 A comercialização dos escravos	43
3.4 A escravidão e resistência	47
3.5 O colapso do regime escravista	51
3.6 A sociedade pernambucana	53
3.7 O Diário de Pernambuco	56

4 ANÚNCIOS DE ESCRAVOS	60
4.1 O negro como peça de comercialização	62
4.2 Descrição e exaltação do objeto – escravos	66
4.3 O espaço discursivo da escravidão	73
4.4 A composição textual-discursiva dos anúncios de escravos	76
4.5 Campo de significações relacionado ao escravo	77
4.6 Campos léxicos	78
4.6.1 Descrição do escravo	79
4.6.2 Os sinais de castigo e tortura	83
4.6.3 As características comportamentais	85
4.6.4 Características exteriores	88
4.6.5 Os ofícios e funções da época	90
4.7 Relações lexicais e raça	91
4.8 Outras análises	92
5 OS ARCAÍSMOS	95
5.1 As estruturas sintáticas em desuso.....	97
6 CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
ANEXOS	108

1. INTRODUÇÃO

“A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras”. Pai contra mãe – Machado de Assis

Na literatura brasileira, o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, há a transcrição do discurso escravagista que circulava na sociedade brasileira do século XIX. Esse texto reproduz a atmosfera de uma época em que ser negro era sinônimo de ser escravo/cativo, viver em condições subumanas e ser tratado como animal ou objeto a ser comercializado. O tema tratado nos despertou interesse e, através dos anúncios de jornais, encontramos o material necessário que nos levou a desenvolver a presente pesquisa.

Assim, a questão central deste trabalho é reconhecer os itens lexicais e aspectos fraseológicos que conduzirão à análise das estratégias discursivas utilizadas nos anúncios publicitários do jornal, tendo como temática os anúncios relacionados a escravos há cerca de 155 anos, no período compreendido de 1853 a 1855. Os níveis de análises investigados serão: pragmático, ideológico e

argumentativo; isso nos permitirá traçar um perfil de como a sociedade estava constituída e do discurso que circulava na época.

A arquitetura desta Dissertação obedecerá à seguinte ordem: no 1º capítulo abordaremos a metodologia, hipótese, justificativa e objetivos geral e específicos da pesquisa. No capítulo 2º descreveremos as teorias lingüísticas que darão suporte às análises. A fundamentação teórica será constituída de teorias sobre sincronia e diacronia, a história da publicidade, o anúncio publicitário, as teorias lexicais e a teoria dos Atos de Fala.

No 3º capítulo descreveremos aspectos históricos e culturais da sociedade brasileira e pernambucana no período da escravidão. É estudando o tráfico que se pode reconstruir a ligação entre as várias camadas da sociedade. As estratégias de resistências e sobrevivência eram inúmeras: fugas, fingir-se de forro pelas ruas do Recife, mudar de dono quando achasse conveniente e esconder-se no mato são algumas das alternativas que o escravo visava a contornar e não confrontar as restrições impostas pelo regime escravista. O autoritarismo e arbitrariedade da escravidão iniciavam-se na senzala e se estendiam por toda a sociedade.

Ainda nesse capítulo, pontuaremos as dificuldades de se manter o regime escravista e os fatores que levaram ao seu colapso, dentre eles, a Lei Áurea de maio de 1888, que extinguiu a escravidão.

No 4º capítulo analisaremos os anúncios relacionados aos escravos e o espaço discursivo da escravidão: como o negro era descrito nos anúncios, quando fugia e quando era vendido ou alugado. A sua condição de “coisa”, “animal” ou “peça”, que poderia ser comercializado: vendido, trocado, permutado;

porque na época estudada o escravo era considerado propriedade de seus senhores.

No 5º capítulo tratamos dos Arcaísmos presentes nos anúncios, ou seja, os vocábulos ou construções frasais que saíram do uso da língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes. Descreveremos as causas que determinaram a arcaização desses termos e as ocorrências encontradas nos anúncios.

E seguem a conclusão, referências bibliográficas e anexos.

1.1 METODOLOGIA

Este capítulo tratará dos procedimentos metodológicos utilizados para as análises dos anúncios publicitários dos jornais do século XIX.

A perspectiva teórico-metodológica adotada será a das Teorias Lexicais. Há nos anúncios uma rede de escolhas lexicais que revelam a condição do negro na sociedade e que em muitos aspectos se perpetuam até hoje: preconceito, racismo e humilhação; embora o anunciante da época não demonstre ter efetiva consciência de suas escolhas lexicais.

As estratégias discursivas foram investigadas nos níveis: pragmáticos, ideológico e argumentativo.

1.1.1 Os níveis de análise

Para analisar os referidos anúncios é necessária a identificação dos níveis discursivos com o objetivo de identificar e compreender os procedimentos lingüísticos na construção discursiva. Estes níveis representam distintos tipos de fenômenos, sentidos ou ações, porém os falantes de uma determinada língua realizam vários níveis discursivo ao mesmo tempo.

Níveis de análise

- **Nível pragmático:** este nível corresponde ao plano interativo da ação, tanto a nível micro como macro discursivo; e se refere às diversas operações inferenciais que possibilitam aos receptores das mensagens deduzir informações a partir de fontes lingüísticas intra e intertextuais.
- **Nível argumentativo:** explicam-se as estratégias persuasivas pelas quais o emissor utiliza seu discurso com a finalidade de vender/negociar o seu produto.
- **Nível ideológico:** são as cognições sociais, modelos e estereótipos culturais compartilhados socialmente que determinam a construção de sentido e a eficácia do discurso. No nível ideológico analisamos o sistema de valores e de crenças que é transmitido nos anúncios como também as formas de manipulação e controle social pelo discurso.

A metodologia consistiu em:

- Fazer o levantamento dos termos;
- Organizar o *corpus* dos anúncios;
- Fazer o levantamento do léxico usado, identificando possíveis aspectos ideológicos e culturais.
- Analisar de forma diacrônica e sincrônica a estrutura textual e os aspectos discursivos do *corpus*;
- Situar o contexto histórico e sociocultural onde os anúncios de escravos eram produzidos;

Seleção do *corpus*

O *corpus* de análise é constituído a partir da seleção de anúncios publicados no jornal *Diário de Pernambuco* de 1853 a 1855.

a) anúncios impressos que constassem na seção DIÁRIO NA HISTÓRIA.

b) anúncios disponíveis no endereço eletrônico:

<www.diariodepernambuco.com.br>

Procedimentos da coleta dos dados

Foram coletados, de março de 1853 a outubro de 1854 e de maio a julho de 1855, 148 anúncios relacionados a escravos. Esse procedimento de coleta se configurou de forma quanti-qualitativa, ou seja, nem todos os anúncios relacionados aos escravos foram considerados significativos para a pesquisa.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa se desenvolveu neste plano:

- a) Análise dos anúncios do século XIX: classificação e categorização dos anúncios de escravos; descrição do regime enunciativo; interpretação sócio-ideológico-cultural dos dados.

1.2 HIPÓTESE

Se o discurso reflete importantes características da sociedade moderna, legitimando a dominação das elites, o anúncio publicitário constitui um exemplo irrefutável desse tipo de discurso, pois apresenta à população os bens de consumo da sociedade, servindo de elo entre ambos, e assumindo o papel de incentivador, pois reafirma, legitima e torna desejável o papel de consumidor para a população.

1.3 JUSTIFICATIVA

Os recursos lingüísticos são instrumentos fundamentais para a construção das mensagens publicitárias, uma vez que auxiliam a atingir o objetivo último do texto publicitário que é envolver o receptor de modo a fazê-lo adquirir o produto.

Os anúncios de jornal de cada época constituem o mais rico e mais fiel reflexo cotidiano de uma dada sociedade e servem de estudo para os

historiadores e arqueólogos, asseverou McLuhan (1962). Tais anúncios apontam não só para o escravo fugido ou comercializado, mas também a uma outra dimensão social.

Gilberto Freyre em “*O escravo nos anúncios dos jornais brasileiros do século XIX*” (1979), fez um levantamento e análise de reconstrução antropológica e sociológica significativa sobre os anúncios de escravos entre 1825 a 1888, utilizando o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e o jornal *Diário de Pernambuco*. Através desses anúncios, Freyre descreveu as características da população negra no Brasil e verificou sua constituição física e psicológica. Esse levantamento é fundamental para a reconstrução da nossa cultura, da descrição dos tipos de negros do Brasil e dos vocábulos falados e os costumes da época.

Assim, esta pesquisa busca contribuir para a reconstituição do nosso passado, através da análise do léxico e do espaço discursivo onde eram produzidos os discursos, marcado pelo regime escravocrático. O material reunido, de 1853 a 1855 - pode servir para uma tentativa de interpretação social e antropológica da sociedade pernambucana em meados do século XIX, a partir da análise lingüística diacrônica.

Para o estudo da história da língua portuguesa em Pernambuco é importante o levantamento dos termos usados e as análises discursivas, pois através dos anúncios temos noções do que era proferido na época, da variedade lingüística tanto do ponto de vista sintático-discursivo, fraseológico, quanto do ponto de vista das escolhas lexicais.

Os anúncios do jornal *Diário de Pernambuco*, que está em circulação desde 1825, permitem-nos observar a sociedade pernambucana – largamente

representativa no sistema econômico, da moral social e da cultura intelectual da época do império e da escravidão em nosso país.

1.4 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar os aspectos lexicais, fraseológicos e as estratégias discursivas dos anúncios relacionados aos escravos do jornal *Diário de Pernambuco* na segunda metade do século XIX.

Objetivos Específicos

- Fazer o levantamento do léxico utilizado no anúncio dos escravos, os torneios sintáticos e expressões arcaizadas ou em processo de arcaização;
- Detectar os padrões sintáticos e semânticos que divergem dos atuais;
- Identificar os aspectos ideológicos e culturais das linguagens dos anúncios analisados;
- Contextualizar historicamente a sociedade da época.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão abordados os elementos teóricos que darão suporte à análise. Os anúncios de escravos dos jornais são passíveis de serem apreciados sob diversos ângulos, o que nos impõe a selecionar como suporte teórico: Sincronia e Diacronia, História da Publicidade, Anúncio, Teoria Lexical e a Teoria dos Atos de Fala.

2.1 Sincronia e Diacronia

Por sincronia entendemos ser o estado de língua considerado num dado momento, independente da evolução histórica. E por diacronia a descrição de uma língua ao longo da história. Para Saussure (1969:116):

“A Lingüística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A lingüística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que substituem uns aos outros sem formar sistema entre si”.

Saussure (1969) destaca a independência entre as abordagens sincrônica e diacrônica das línguas, mostrando que é possível abstrair os fatos que antecederam um dado estado de língua e vê-la como um sistema completo e perfeitamente eficiente em cada etapa da sua história. O autor confere prioridade à sincronia, em detrimento da diacronia.

No entanto, para muitos lingüistas, a língua será sempre sincronia e diacronia em qualquer momento de sua existência, dependendo do fim que se pretende atingir. Há casos em que a descrição sincrônica pode ser conjugada com a explicação diacrônica, enriquecendo-se a análise feita pelo lingüista.

Coseriu (1979) afirma que é caráter inerente às línguas a mudança e elas não podem funcionar senão mudando. Para o teórico “a língua que não muda é a língua abstrata” e a língua que muda é a “língua real em seu existir concreto”. Mas esta língua não pode ser isolada dos “fatores externos”, ou seja, de tudo aquilo que constitui a sua historicidade e a liberdade expressiva dos falantes, pois ela só se realiza no falar. Coseriu acrescenta que não podemos comprovar a mudança da língua na sincronia, pois ao tentarmos proceder dessa maneira, tendemos a descartar a sucessão e a mudança.

Ainda dentro das considerações do teórico, num estado de língua podemos comprovar, por exemplo, os arcaísmos. Um “arcaísmo” ou um elemento que pode dar o tom arcaico ao discurso, só pode ser considerado assim, do ponto de vista atual. E para comprovar que o objeto muda, é necessário observá-lo em dois momentos distintos. Assim, mesmo que a língua fosse considerada por sua natureza sincrônica, seria necessário comprová-la na diacronia.

Dessa forma, a nossa pesquisa se desenvolveu numa perspectiva diacrônica, ou seja, no pressuposto de que a língua muda ao longo dos tempos e que o movimento histórico dessa língua tem relação direta com as mudanças nas organizações sociais, muda-se a sociedade e com isso mudam-se os hábitos lingüísticos.

2.2 História da publicidade

Antes de iniciarmos as considerações acerca da mensagem publicitária, faremos algumas considerações sobre a distinção entre publicidade e propaganda, importante para caracterizar o gênero¹ escolhido e considerações sobre a mensagem publicitária.

A palavra “propaganda” provém do latim *propagare*, que significa: “técnica do jardineiro de cravar no solo os rebentos novos das plantas a fim de reproduzir novas plantas”. Com a *Bula Inscrutabili Divinae*, (documento Papal) de 22 de junho de 1622, promulgada pelo Papa Gregório XV, teve início o período constitutivo da Congregação, com o nome de *Propaganda Fide*, com a finalidade de difundir a fé católica; assim, a propaganda tem raízes religiosas.

A congregação da propaganda nasceu quando a Igreja Católica enfrentava contestação por parte da Reforma Protestante e acontecia a descoberta de novas terras, transformadas em novos campos de conversão. Com isso, a definição de propaganda é a disseminação de idéias dentro de um plano deliberado, o que na prática significa influir nas atitudes emotivas dos outros no sentido de aderirem ao conteúdo propagado.

Atualmente propaganda e publicidade são termos considerados sinônimos, porém há diferenças fundamentais entre ambos. Autores como Charaudeau (1984), consideram o termo *propaganda* mais abrangente do que *publicidade*. O primeiro termo estaria relacionado à mensagem política, religiosa, institucional e comercial, enquanto o segundo se restringe apenas à mensagens comerciais. A

¹ Nossa investigação não envolveu uma discussão exaustiva sobre a transformação do gênero anúncio.

propaganda estaria voltada para a esfera dos valores éticos e sociais e tem como finalidade promover o bem comum. Por outro lado, a publicidade explora o universo particular do indivíduo, dos desejos, suas necessidades pessoais, por isso usa a estratégia de falar para “você”, dirigindo-se ao indivíduo de forma particular e intimista, principalmente por que seleciona seu público alvo e esta é uma das capitais distinções do discurso publicitário com a propaganda.

A mensagem publicitária é forte aliada dos recursos tecnológicos, seus conteúdos veiculam a busca do prazer, da abundância, do progresso, do lazer, da juventude, da renovação da vida e afastam toda a negatividade, do noticiário não muito positivo dos jornais: doença, morte, guerra e corrupção. Ela cria um paraíso onde tudo é perfeito e ideal, mas não se limita aos sonhos, pois concilia o princípio do prazer com o da realidade, indicando o que deve ser usado ou comprado.

A palavra tem poder de criar e destruir, de prometer e negar e dessa forma a publicidade a utiliza como seu principal instrumento para persuadir. A função persuasiva da linguagem publicitária consistiria em tentar mudar a atitude do receptor; por isso, ao elaborar a mensagem, o emissor leva em conta o receptor ideal da mensagem. Ele toma como base o que falta ao ser humano para ser completo como pessoa: prestígio, amor, sucesso, lazer e vitória, e, para alcançar seu objetivo, usa palavras adequadas que despertam o desejo natural de felicidade e realização das pessoas. (Carvalho, 2004).

Para Vestergaard & Schrøder (2000), o texto publicitário é uma forma de comunicação de massa, cujos objetivos são transmitir informações e incitar as pessoas a certos comportamentos. Segundo os autores a propaganda é

necessária porque temos a necessidade de satisfazermos a todo instante as necessidades materiais, como roupas e alimentação e as necessidades sociais, como amor, amizade e *status*. Os objetos que usamos e consumimos deixam de ser meros objetos de uso, para se transformar em veículos de informação sobre o tipo de pessoa que somos ou gostaríamos de ser.

Já para Fairclough (1990), os vários discursos refletem algumas importantes características da sociedade capitalista moderna em que transitam e, portanto, podemos fazer uma análise crítica do discurso publicitário, pois a propaganda e a publicidade assumem um papel e uma função: incentivam e legitimam o papel do consumidor para a população. O discurso publicitário é um dos instrumentos de controle social e, para realizar esta função, simula igualitarismo, remove da estrutura de superfície os indicadores de autoridade e poder, substituindo-os pela linguagem da sedução.

Segundo esse teórico, o discurso publicitário é estratégico por excelência, pois este constrói modos de apresentar publicamente às pessoas, as organizações, mercadorias e a construção de identidades ou personalidades. Ele acredita que a publicidade combina informações com persuasão e, sob a influência da publicidade como modelo de prestígio, esta combinação está se tornando naturalizada e, como consequência, a natureza da informação está mudando radicalmente.

A linguagem tem um papel importante no sentido de ajudar a esclarecer as mudanças discursivas ocorridas na ordem do discurso atual, porém, muito das mudanças sociais não envolvem apenas a linguagem, mas é constituída por modificações nas práticas da linguagem e tais mudanças interferem nas

organizações e na cultura que são de modo expressivo alterações nas práticas discursivas. (Fairclough, 2001).

Ao analisarmos os anúncios de venda/aluguel de escravos do século XIX à luz das teorias da publicidade atual, acreditamos que a estrutura lingüística, os itens lexicais - adjetivos e verbos para designar o escravo - , usada na elaboração das mensagens, “induz” os consumidores a adquirirem as “peças” anunciadas.

2.3 Recurso do discurso publicitário: o anúncio _____

Na segunda metade do século XIX a publicidade se limitava a dizer que “*na rua tal, no número tal vende-se tal coisa*”²; o que podemos observar nas publicações de vários jornais da época, dentre muitos podemos citar o jornal *Diário de Pernambuco*. À época estudada, inexistia uma concepção fixa e rígida para os anúncios, sendo que cada anunciante preenchia o seu espaço da forma que melhor lhe conviesse, utilizando recursos e argumentos que considerassem legítimos. Gilberto Freyre (1979) afirma que “*trata-se de uma linguagem à vontade*”, já que os anúncios, na maioria das vezes, eram redigidos por iletrados que buscavam vender o seu produto ou anunciar seu escravo evadido, dando sempre seu “*tom pessoal*.”

Eram anunciadas vendas de casas, fuga de escravos, divulgação de hotéis, produtos vindo das “nações civilizadas”, fotografias, medicamentos “milagrosos”. Estes anúncios usavam uma linguagem simples, sem artifícios de convencimento, que primava pela informação objetiva e era bem adjetivada. Seu

² (Langneau *apud* Carvalho: 1993:2)

propósito era, tão somente, a proclamação dos produtos existentes (Martins, 1997: 24). Datam desse período os primeiros anúncios com poesias curtas, de rimas fáceis que se incorporaram à mensagem.

Para Marcondes (2001) o anúncio nasceu de uma colagem de recursos e manifestações preexistentes e conhecidas. Da literatura e do jornalismo a publicidade se apropriou do texto; do desenho e da pintura utilizou as ilustrações.

No final do século XIX uma série de serviços e produtos começaram a incorporar os jornais e no início do século XX o anúncio ganha as configurações como o conhecemos na atualidade. A mensagem publicitária não vem apenas com o sentido informacional, mas permeada de figuras de linguagem e recursos lingüísticos que requerem a participação do leitor para decifrá-las.

Nos anúncios de escravos do século XIX os discursos visavam, principalmente, a informar um determinado acontecimento e objetivavam a um efeito perlocucionário: captura/permuta/compra/aluguel. Esses anúncios eram redigidos no plano enunciativo do relato, com estrutura semelhante ao da notícia, o qual o interlocutor se apaga e dá-se ênfase apenas ao evento discursivo. Descreveremos dois conceitos de anúncios pertinentes à nossa pesquisa: Segundo Moraes Silva, (1813):

(Aviso, Annuncio.Syn.) "São duas palavras muito usadas em nossos diários e periódicos, e que por ventura se confundem, mas que entre si differem. A 1.^a é noticia dada a alguém sobre cousa que lhe interessa, e muitas vezes é proveniente de auctoridade publica em matéria administrativa. Annuncio é noticia, ou nova que se dá, não a pessoas determinadas, mas sim ao público. Os juizes, os magistrados, etc. mandam pôr avisos nos papeis públicos; os mercadores, artistas, editores de livros, etc. mandam fazer annuncios de suas fazendas, e obras. Só em folhas volantes se lêem os avisos; as esquinas estão cheias de annuncios".

No espaço discursivo constituído pelo gênero “anúncio”, descrito por Moraes (1813), circulam dois sentidos que vão determinar duas sub-categorias as quais correspondem igualmente duas funções: anúncios que apenas fazem circular uma informação ou aviso e anúncios que visam à promoção de um produto ou serviço, conforme o registro dos dicionários atuais. À luz da atualidade, trabalharemos o conceito de Houaiss (2001):

“Anúncio: s.m. 1. notícia ou aviso por meio do qual se divulga algo ao público; [...] 4. mensagem de propaganda criada com objetivos comerciais, institucionais, políticos, culturais, religiosos etc. 5 Rubrica: publicidade: mensagem que procura transmitir ao público, por meio de recursos técnicos e através dos veículos de comunicação, as qualidades e eventuais benefícios de determinada marca, produto, serviço ou instituição Obs.: cf. propaganda e reclamo”

Bakhtin (2000:279) afirma que *“todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionados com a utilização da língua”*, Assim, os gêneros do discurso se caracterizam por *“tipos relativamente estáveis de enunciados”*, ou seja, em seus conteúdos temáticos, nos recursos lingüísticos – lexicais, fraseológicos e gramaticais – e nas estruturas composicionais, percebemos desde o início de nossas atividades de linguagem, a estabilidade desses três elementos tema, composição e estilo que compõem o gênero discursivo.

2.4 Teoria Lexical

O léxico vem do grego *leksikósé* (lexicon), em sentido lato significa o conjunto de palavras de uma língua. O léxico também pode ser definido como “o conjunto de palavras de uma língua peculiar a um determinado grupo social ou a um indivíduo” (Vanoye, 1981:33). Através das escolhas lexicais e dos contextos enunciativos podemos visualizar os aspectos sociais e ideológicos de uma sociedade. A percepção que o indivíduo tem da realidade é moldada pelo sistema lingüístico, pois predispõe certas escolhas de interpretação do real.

Biderman (2001:109) afirma que *“todo sistema lingüístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas da língua e da cultura com que ela se conjuga”*. Ou seja, cada língua traduz o mundo e a realidade segundo seu próprio modelo social e isso é expresso no léxico. Assim, as palavras são impregnadas por diferentes valores atribuíveis aos grupos sociais nos quais a interação enunciativa acontece.

Segundo a autora, a informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico que integra os enunciados. A referência à realidade extralingüística nos discursos humanos faz-se pelos signos lingüísticos ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pelas culturas correlatas. Dessa forma, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana.

Para a nossa pesquisa, estudar o léxico torna-se fundamental, pois as palavras assumem um novo sentido em cada contexto em que ela está inserida. De forma que há uma rede de escolhas lexicais na elaboração dos anúncios que introduzem o racismo, preconceito e palavras que legitimam o escravismo e humilham o indivíduo escravo e a cor de sua pele.

2.5 Teoria dos Atos de Fala e os anúncios

A estrutura dos *atos de fala* é baseada nos estudos de Austin (1990) sobre o uso da linguagem e em Adam (1997) na análise da retórica publicitária, evidenciada aqui nos anúncios de escravos.

Adam (1997) considera três atos de fala aplicáveis à comunicação publicitária. A dimensão *locutória* que é caracterizada pela emissão da mensagem; a dimensão *ilocutória* é a força persuasiva inscrita no anúncio e a dimensão *perlocutória* que está relacionada ao efeito do ato ilocutório, ou seja, ao sucesso do leitor persuadido a adquirir o produto anunciado.

Austin (1990:93) afirma que “o ato ilocucionário e até mesmo o ato locucionário podem estar ligados a convenções” sociais. Os efeitos das perlocuções são resultados, que não incluem efeitos convencionais. Este exerce um efeito sobre o ouvinte para persuadi-lo, dependendo, fundamentalmente, da situação da enunciação.

Para determinar o tipo de ato locutório (ou ilocutório) a que pertence determinados verbos devemos determinar, inicialmente, a maneira que estamos usando a locução, ou seja:

- perguntando ou respondendo a uma pergunta;
- dando alguma informação ou advertência;
- anunciando um veredito ou uma intenção;
- pronunciando uma sentença;
- marcando um compromisso
- fazendo um apelo ou uma crítica;
- fazendo uma identificação ou descrição.

Segundo Austin (1990), declarar algo é realizar um ato ilocucionário, como avisar ou proclamar. O ato de *declarar, avisar, protestar, prometer e designar* é verbal. “Declarar” é o verbo que parece satisfazer todos os critérios que ele usou para distinguir o ato ilocucionário. Para o teórico há cinco classes gerais de verbos em função de sua força ilocucionária; os verbos:

- *Veriditivos*: caracterizam-se por dar um veredito por um corpo de jurados ou por um árbitro;
- *Exercitivos*: consistem em tomar uma decisão a favor ou contra um determinado curso da ação ou advogá-la;
- *Comissivos*: caracterizam-se por prometer ou assumir algo; esses tipos de verbos comprometem a pessoa a fazer algo, mas incluem também declarações ou anúncios de intenção que não constituem promessas e incluem coisas um tanto vagas que podemos chamar de adesões, como

por exemplo, tomar partido. Esses verbos têm conexões com os veriditivos e os exercitivos.

- *Comportamentais*: constituem um grupo de verbos heterogêneos e têm a ver com atitudes e comportamento social.
- *Expositivos*: esses verbos são difíceis de definir. Eles esclarecem o modo nossos proferimentos se encaixam no curso de uma argumentação ou de uma conversa, como estamos usando as palavras, ou seja, são expositivos.

Na análise do *corpus* listaremos alguns verbos segundo a sua força locutória encontrados nos anúncios de escravos.

3. CONTEXTO HISTÓRICO

O segundo capítulo deste trabalho busca contextualizar os acontecimentos que foram importantes no mundo, no Brasil e em Pernambuco no século XIX. Essa é uma tentativa de fazer uma descrição do cenário onde ocorria a vida urbana, porém essa contextualização não investigará com rigor o funcionamento do sistema escravista, apenas destacaremos algumas considerações que julgamos importantes para compreendermos como funcionava o sistema escravista.

3.1 A escravidão

Podemos entender por “escravidão” qualquer situação ou atividade que impõe algum tipo de constrangimento, como as formas de exploração do trabalho alheio e que são moralmente inaceitáveis. Mas o que vimos acontecer, na história não tão antiga de nosso país, foi essa prática ocorrer durante séculos e ser sancionada por leis, sendo aceita socialmente. A escravidão não sucedeu apenas sobre o trabalho das pessoas, mas também na aquisição de direito sobre o próprio corpo do indivíduo.

A escravidão africana, em Pernambuco, surgiu como uma proposta de economia política para viabilizar a indústria açucareira com o menor custo e o maior lucro possível.

Segundo Carvalho (1998), a relação de trabalho entre o senhor e o escravo era apenas um dos aspectos desse sistema. Havia toda uma estrutura ideológica e cultural permeando todas as esferas da vida social no século XIX. A escravidão se configurou, então, como uma instituição social, implicando na construção de um universo de práticas sociais correspondentes; um modo de vida, em que se configuravam ter escravos era símbolo de poder, *status* e ascensão social. Além de tudo isso, conferia ao indivíduo que os possuía uma posição social diferenciada. Havia senhores que colecionavam escravos como se colecionavam objetos; pelo prazer de se sentirem importantes e de serem apontados pelas pessoas da cidade como senhor de poder e projeção.

Maestri (1994) afirma que a substituição dos cativos indígenas, aqui no Brasil, pelos africanos foi com base na sua maior resistência física e “docilidade”. O índio seria selvagem, frágil e incapaz, para o trabalho contínuo; o negro seria um ser dócil, resistente e sem iniciativa, já adaptado ao trabalho duro e penoso na África; enfim, um ser talhado para a escravidão³.

Seja qual for a explicação para as escolhas de mão-de-obra que ajudariam na configuração da economia brasileira, a escravidão foi um dos momentos mais consideráveis de nossa história. A conduta e a mentalidade dos negros e mestiços, seus valores e seu comportamento social só podem ser entendidos hoje, quando levamos em conta o fenômeno escravidão-abolição.

³ Há controvérsias sobre os motivos das causas da escravidão de indivíduos africanos e a venda deles para o tráfico interno, para regiões do Atlântico, Índico, etc. Uma das causas está no fato da África não ter a terra como principal objeto de apropriação, mas sim, as pessoas. A África produzia escravos de todos os gêneros, idades e ocupações. Nas fomes cíclicas, muito comuns das regiões mais secas, pessoas eram trocadas por comida; em outras sociedades se permitia o pagamento de tributos na forma de cativos. (Carvalho, 1998:180)

Costa (1998), na sua obra *Da Senzala à Colônia*, realiza uma análise do sistema escravista no Brasil e do processo que conduziu seu colapso. Os escravos africanos foram os facilitadores da adaptação do povo português à vida colonial. Seus hábitos alimentares, os modismos lingüísticos que suavizaram a pronúncia, modificando a língua portuguesa, a introdução de novos vocábulos, novas crenças religiosas que adulteravam o cristianismo; as superstições contagiando a credulidade do branco europeu, suas lendas e seu sentido musical, transformaram toda a sociedade da época.

As funções sociais da escravidão eram desempenhadas pelos inúmeros cativos que povoavam as casas-grandes dos engenhos e sobrados da cidade. A escravidão era uma instituição social, com finalidades suntuárias e políticas, mas os cativos representavam muito valor. É quase impossível separar as funções econômicas da escravidão de suas funções institucionais. O modo de vida da sociedade escravista impunha a aquisição dessa riqueza como uma necessidade social e ideológica; e a economia dava garantia de retorno do investimento, caso o senhor precisasse de capital. O valor de um cativo não decorria apenas da efetiva necessidade de mão-de-obra escrava, mas do próprio funcionamento do sistema que tornava o escravo uma riqueza de fácil circulação e realização.

O escravo era uma mercadoria de duplo valor: podia ser vendido ou alugado e valia o que produzia. Na condição de objeto e “coisa” a qual se investiu algum capital, cujo retorno se esperava sob a forma de lucro, os escravos podiam ser trocados, alugados ou vendidos; isso justificava a necessidade de tê-lo de volta, caso fugisse.

Quando apanhado, o escravo foragido era devolvido ao seu dono para que fosse severamente castigado e servisse de exemplo aos outros escravos; no entanto, isso não era suficiente para que cessassem as fugas. Encontramos, nos anúncios analisados, escravos sendo anunciados duas ou três vezes, ou seja, sempre que era possível eles fugiam, mesmo sabendo do castigo que lhes esperavam.

Depois da fuga, os escravos tentavam fingir-se de livres ou que eram alforriados; mudavam de nome e tentavam disfarçar a identidade escrava. Os mais ladinos⁴, mesmo quando não fugiam, mudavam de nome quando estavam longe das vistas do senhor. Os anúncios dos jornais pernambucanos demonstram que essa foi uma prática corriqueira no Recife, que beneficiava os escravos crioulos ou africanos que falassem bem o português ou fossem dotados de alguma habilitação profissional. Vejamos este anúncio:

O DIÁRIO não circulou no domingo, 21 de maio de 1854. Lia-se no dia 22:

*Avisos diversos - Antônio, moleque, alto bem parecido, côr avermelhada, nação congo, rosto cumprido e barbado no queixo, pescoço grosso, pés bem feitos, tendo o dedo index da mão direita aleijado de um talho, e por isso o traz sempre fechado, com todos os dentes, **bem ladino, oficial de pedreiro e pescador**, levou roupa de algodão, e uma palhoça para resguardar-se da chuva há toda a probabilidade de ter sido seduzido por alguém; desapareceu a 12 de maio corrente pelas 8 horas da manhã: roga-se a todas as autoridades e capitães de campo, hajam de o apreender e levá-lo a Antônio Alves Barbosa na rua de Apolo nº 30.*

anúncio 01

Em alguns casos, mesmo enquanto serviam a seu senhor, muitos escravos buscavam trabalhar com maior autonomia possível em outros ofícios; a mobilidade necessária para o desempenho dos ofícios urbanos, transformava-se

⁴ Escravo negro que já apresentava certo grau de aculturação.

num instrumento de “rebeldia criativa”. Era uma estratégia de sobrevivência e luta dos escravos que tinham alguma habilidade profissional e poderiam assim, tirar proveito da relativa escassez de mão-de-obra treinada.

Diário de Pernambuco: sexta-feira, 11 de março de 1853.

*Leilões - O agente Oliveira fará leilão de três ótimos escravos: a saber, uma excelente negra, cabra, moça, para todo o serviço, uma linda e jovem mulatinha⁵ com **princípio de costura**, e um formoso curibocazinho, próprio para ser educado em qualquer serviço, ou ofício, todos recebidos em dívidas da liquidação da massa de Joaquim de Azevedo Pereira: sexta-feira, 11 do corrente, ao meio-dia em ponto, no seu escritório, na rua da Cadeia.*

anúncio 02

Os estudos de Gilberto Freyre (1979), que caracterizam o escravismo no Brasil, mostram um discurso que representa o senhor de escravos como amigo e benevolente, ao lado de um cativo submisso e fiel. Segundo ele, o Brasil nunca foi um país de extremismos, o senhor de engenho geralmente “amolecia em condescendências e adocicava-se em transigências complacentes”, de crueldade só alguns momentos com rompantes. Os senhores eram severos, mas paternais e os escravos eram “bárbaros”, mas dóceis. O antropólogo consagrou a representação de uma situação racial amena e democrática, com as imagens de senhores e escravos dóceis e passivos. Entretanto, muitos anúncios mostram a inconsistência dessa relação, bem como a revolta do escravo em relação à sua condição de cativo.

Dentro das casas-grandes e dos sobrados patriarcais, os senhores admitiam a intimidade dos negros dando-lhes alimentação, trajes e recreação e “faziam deles uma espécie de parentes pobres dos brancos” (Freyre, 1979). O

⁵ Esse termo ‘mulata’ s. f. significa filha de mãe branca e pai negro ou vice-versa. Vem de ‘mu(l)-: elemento de composição antepositivo, do latim *mūlus*, i masc. e *mūla*, ae feminino, ‘mulo’, ‘mula’; como ‘asno’, serve de termo de injúria conforme Meyer-Lübke. (Houaiss, 2001).

senhor acreditava que quando dava aos seus escravos um nome cristão, como por exemplo, Clara, Tereza, Miguel, Januário, os aproximavam da família. Ainda segundo as considerações de Gilberto Freyre (1979), no nordeste, o escravo quando desaparecia da casa dos senhores, causava neste, certo desconforto, porque ele era “quase um filho que deixara a casa do pai. Um pai autoritário, severo, exigente”.

O patriarca que castigava os escravos, que os chicoteavam, que os prendiam nos troncos e que lhes punham as máscaras de flandres, para não comerem terra, e os alugavam para trabalhos na rua, com a mesma severidade que punia os escravos, também o fazia aos filhos. Vejamos o que nos diz Emília Costa (1998):

“No regime da escravidão, em que o trabalho se desmoraliza e é resultante de uma imposição, o grupo dominante vê-se frequentemente obrigado a recorrer à violência física, quando deseja alcançar seus desígnios. Para manter o ritmo de trabalho, impedir atitudes de indisciplina ou reprimir revoltas, para atemorizar os escravos, mantê-los humildes e submissos, evitar ou punir fugas, os senhores recorriam aos mais variados tipos de castigo, pois os acordos e reprimendas pouco valiam. Não se concebia outra maneira de regular a prestação de serviços e a disciplina do escravo. O que se podia condenar era o excesso, o abuso cometido por alguns senhores ou seus mandatários: feitores ou cabras. O castigo físico impunha-se, na opinião do tempo, como única medida coercitiva eficaz. Generalizara-se a convicção de que muitos escravos não trabalhavam se não fossem devidamente espancados”.

O castigo fazia parte de um complexo sistema de relação entre os escravos e seus senhores, o qual a “educação”, de assimilação e de disciplina, não permitia

a docilidade ou ternura. Nesse sistema o chicote e a palmatória faziam parte, o castigo deveria doer no corpo e a punição deveria ser “cruamente física”. Não é de estranhar, nos anúncios de escravos fugidos, as marcas que indicavam castigo e os sinais de punição. Porém, para com os seus filhos, o castigo que era aplicado era apenas “severidade”, já com os escravos as faltas transformavam-se em “crueldade” que, muitas vezes, os levavam à morte.

3.2 As mulheres no sistema escravista _____

No Brasil patriarcal existia a situação de subordinação permanente aos homens e mulheres adultos. As sinhás que castigavam seus escravos tinham que se calar diante dos deslizes de seus maridos; mas não se pode dizer que elas aceitassem tal situação, na verdade, elas não tinham forças para contê-los; a situação se agravava quando nasciam os filhos bastardos, pois eles eram as provas reais da infidelidade dos senhores.

Carvalho (1998) assevera que muitas sinhás tinham as cativas como competidoras e isso aumentava o ódio de classe dentro do mesmo gênero. Por sua vez, os homens chegavam a ter ciúme de suas “mulatas de estimação”, quando estas se relacionavam com outro escravo. O ciúme que as negras e negrinhas da casa causava, no senhor, explica a crueldade das sinhás para com elas. Assim, as escravas sofriam o assédio, o estupro e a opressão sexual por parte dos senhores e sofria, também, o ciúme e a violência das esposas traídas. Vejamos:

Diário de Pernambuco: quarta-feira, 1 de junho de 1853.

*Avisos - **Foram seduzidas ou furtadas** do sítio do abaixo assinado, duas mulatas, uma escrava de nome Raimunda, alta, com o rosto redondo, beiços grossos; levou consigo um filho de mês e meio. A outra mulata é forra, chama-se Narciza, tem 17 anos de idade, é clara, tem o corpo regular, os cabelos corridos e boca grande, foi criada e educada na casa do abaixo assinado. Espero até domingo próximo vindouro a entrega da mulata cativa com a cria e notícias da forra que por este declaro não a querer mais em casa. Sendo porém, que não apareçam até o dia indicado, **levarei esse fato com todas as suas circunstâncias ao conhecimento do público e da polícia.** João do Rego Barros Falcão.*

anúncio 03

Nesse anúncio de fuga podemos ressaltar alguns pontos importantes de nosso estudo: parecia haver uma relação íntima do senhor com suas escravas, a dominação era tão presente que muitos senhores não acreditavam que suas escravas pudessem tomar a atitude de fugirem de seus domínios, acreditando eles, que as cativas só poderiam mesmo ter sido “seduzidas ou furtadas” por alguém. O anúncio três exemplifica bem essa relação: o texto traz o relato de uma escrava que fugiu com sua “cria”; como o “amor” entre os próprios escravos era dificultado na casa dos senhores⁶ era de crer que esse filho pudesse ser do dono da casa. A mensagem final do anúncio é explícita, denunciando a possessividade do senhor em relação às cativas: “*Sendo porém, que não apareçam até o dia indicado, levarei esse fato com todas as suas circunstâncias ao conhecimento do público e da polícia. João do Rego Barros Falcão*”. (cf.: DP: 01/06/1853)

Apesar dessa situação, de dupla exploração e de serem uma minoria em relação aos homens, as mulheres eram a maioria dos libertos. Pode-se pensar que o sexo era uma via de ascensão social, a prostituição, mesmo que eventual, podia ser rendosa para as mulheres, pois muitas delas conseguiam sua alforria

⁶ Nos sobrados havia segregação sexual entre escravos e escravas: as escravas dormiam e viviam no primeiro andar, enquanto os escravos ficavam no térreo, separados pelo primeiro andar por uma porta em cima da escada, trancada por dentro. (Carvalho, 1998: 221).

por este meio, mas isso não era uma prática geral entre as cativas. O maior volume de mulheres libertas não pode ser explicado apenas pela possibilidade de exploração sexual.

As atividades domésticas que as mulheres desempenhavam colocavam-nas próximas do senhor e sinhá do que aquelas desempenhadas pelos homens. Quanto mais próximas estivessem do centro de decisão da casa, maiores seriam as chances delas conseguirem algumas vantagens em termos de alimentação, vestuário, tratamento e até mesmo de alforria.

Na sociedade brasileira patriarcal, que representava a classe dominante, uma mulher liberta era considerada um mal menor do que um homem liberto. As mulheres, seja na condição que fossem, eram ensinadas a obedecerem aos homens e ao serem alforriadas, as mulheres ingressavam no mundo dos libertos num degrau abaixo de todos os homens da mesma condição. Na ideologia patriarcal dominante, a liberta era mais facilmente aceita pelos donos do poder, já que a liberdade plena, propriamente dita, lhe era negada pelo simples fato de ser mulher, como afirma Carvalho (1998).

Para as escravas o caminho para a liberdade era mais longo, mesmo que as possibilidades de serem alforriadas fossem maiores. A alforria no Brasil não era necessariamente sinônimo do homem se tornar um ser livre. A Alforria era um processo que tentava transformar uma “coisa”, “animal” em homem, concedendo-lhe o direito de ser livre, formar uma família e adquirir propriedades. Embora a alforria fosse concedida aos indivíduos merecedores o estigma da escravidão estigmatizava o negro.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é com relação à configuração da população urbana. No século XIX, o crescimento da população era elevado, as doenças eram muitas e a falta de cuidados impedia o tratamento adequado às crianças, com isso havia uma mortalidade infantil alta.

Há relatos na literatura que, em muitos casos, o leite materno das negras era negado aos seus filhos e ia para os bebês das sinhás. As amas-de-leite custavam caro e eram bastante procuradas pelas sinhás; quem queria contratar uma, às vezes preferia que fosse cativa, pois era mais fácil de controlar e garantir o melhor leite:

Diário de Pernambuco: terça-feira, 17 de maio de 1853.

Avisos - Precisa-se de ama de leite, sem filho, paga-se bem: na rua dos Quartéis nº 24, segundo andar

anúncio 04

Diário de Pernambuco: segunda-feira, 17 de outubro de 1853.

*Na rua do Brum nº 20, segundo andar, ainda precisa-se de ama de leite, prefere-se mulher do mato: quem quiser, tendo bastante leite e **não trazendo filho**, dirija-se à casa acima para ajustar.*

anúncio 05

Podemos perceber no anúncio quatro e cinco a ênfase dada à informação de que a ama-de-leite deve ser (ou estar) sem filho para o trabalho da casa.

Com relação à ocupação os ofícios mais comuns das mulheres, no sistema escravista, eram de amas-de-leite, amas-secas (cf. foto em anexo), cozinheiras, engomadeiras e lavadeiras; como comprovamos nestes anúncios:

O DIÁRIO não circulou na segunda-feira, 4 de janeiro de 1854. Lia-se no dia 3:

*Vendas - Na rua das Cruzes nº 22, segundo andar, vendem-se duas escravas crioulas, de 26 anos de idade, bonitas figuras, **engomadeiras e cozinheiras**, **lavam bem de sabão** e todo o arranjo de uma casa, e uma dita de 25 anos, ótima figura, com um filho de 3 anos, muito bonito, e uma dita de nação que cozinha, lava de sabão, e vende na rua, e duas ditas muito possantes, ótimas ganhadoras de rua, que pagam 480 rs. por dia.*

anúncio 06

Diário de Pernambuco: Terça-feira, 25 de julho de 1854.

*Avisos Diversos - Oferece-se uma parda já de meia idade, muito boa e fiel, para ser **ama** de casa de homem solteiro, **cozinha, engoma** e tudo faz com muito asseio e limpeza, porém não sai para comprar quem quiser, dirija-se ao beco do Colégio nº 13.*

anúncio 07

3.3 A comercialização dos escravos _____

Durante o período do tráfico, o comércio de escravos fazia parte da tradição do Brasil colônia. Os negros chegavam ao Recife em navios vindos da África; a travessia era difícil e muitos deles morriam antes de chegar ao destino. Nos navios onde eram transportados, os escravos sofriam horrores; eles eram amontoados nos porões dos navios por quase dois meses. Por causa da má-alimentação e das péssimas condições de higiene, eram dizimados pelas doenças e pela promiscuidade. Muitos africanos conheciam a inoculação contra a varíola⁷, mas o cólera, o impaludismo⁸ e o tifo eram doenças mais difíceis de prevenir.

Os africanos chegados ao Brasil eram chamados de “cativos novos” ou “boçais”; quando se acostumavam à terra, à língua e ao trabalho diário, passavam a ser denominados “ladinos” e, com isso, alcançavam um maior preço; os negros escravizados nascidos no Brasil eram chamados de “crioulos”.

Muitos desses negros já vinham da África destinados aos seus futuros proprietários. Os comerciantes apresentavam da melhor forma possível a

⁷ Um escravo fugido do Recife, em 1831, já trazia no braço um “sinal de vacina”. *Diário de Pernambuco: 31/01/1831.* (CARVALHO, 1998: 69)

⁸ malária

“mercadoria”: raspavam os cabelos e a barba; davam banho e os alimentavam. Aos escravos bem comportados eram premiados com fumo e aguardente; já os insubmissos eram chicoteados e os feridos e doentes eram vendidos a preço de liquidação. Segundo Costa (1998:35):

“Os compradores examinavam os pretos cuidadosamente. Os da Costa do Ouro eram reputados os melhores. Excetuados os Minas que se tornaram conhecidos por sua altivez e insubmissão, caráter indomável e perigoso, eram resistentes e bons trabalhadores. Os negros da costa oriental africana de Sofala, Inhambane e Quilimane, passavam por tão dóceis quanto inteligentes. Os da Baixa Guiné ou Reino de Benguela eram de estatura baixa, peito comprido e reforçado e, segundo dizia, inimigos do trabalho. Já os do Congo mereciam estima porque se mostravam laboriosos, embora muitos os considerassem brancos”.

A compra de um escravo era uma tarefa que merecia uma série de cuidados, pois havia muitos preconceitos em torno do negro e dos estigmas físicos que permitiam distinguir o bom do mau escravo.

Era desaconselhado os negros de cabelos muito crespos; os de testas pequena ou baixa, olhos encovados e orelhas grandes, pois significava um indício de mau caráter⁹. Não se recomendava o negro que possuísse o nariz muito chato e ventas apertadas, acreditava-se que isso significava pouca disposição para o trabalho, porque esses fatores prejudicavam a respiração. Deveriam ser evitados os negros de dentes mal seguros, amarelos ou pretos, grandes ou pouco visíveis,

⁹ A busca de um tipo físico característico do criminoso, que orientou grande parte da ciência forense no século XIX, foi um fracasso completo. Não há como identificar um assassino ou um ladrão apenas pela configuração de seu crânio ou de suas feições faciais, como acreditava o criminalista italiano Cesare Lombroso, 1835-1909. (Veja, 10/01/07, nº 1990)

os de gengivas moles ou de cor branca e as que sagravam ao serem tocadas; respiração presa e fétida. Tudo isso indicava algum tipo de moléstia.

Os negros de pescoço comprido, com espádua elevada, muito inclinadas para frente, que tornava o peito estreito e o esterno curto, era um sinal de que os órgãos no corpo desses indivíduos estavam em mau estado. Havia também ressalvas aos escravos que tivessem pernas compridas e pés chatos, porque nunca eram fortes e poderiam desenvolver úlcera e edema nas pernas.

Médicos e feitores acompanhavam os senhores no momento da compra. Apreciações fantasiosas influenciavam as transações comerciais. Em algumas regiões dava-se preferência aos negros de *canela* fina; outras vezes aos de *canela* grossa. Os negros deviam caminhar, pular, correr, levantar pesos falar, tossir. Os cabelos, a pele, os dentes, a língua, o peito, os órgãos sexuais eram examinados. Temiam-se as doenças das vias respiratórias, a sífilis e os tumores ocultos.

Os fazendeiros vinham à cidade adquirir de pequenos a grandes lotes de escravos; a compra de um só negro não justificava a viagem e os gastos. Eles compravam os africanos de diversas nacionalidades. Assim, ninguém se sentiria completamente isolado nas fazendas, porém evitava-se comprar os negros que falassem a mesma língua. Vendiam-se os escravos sem atenção aos laços familiares: pais e filhos, marido e mulher eram separados ao sabor das circunstâncias.

Um escravo adequado para uma boa compra era o que tinha os “pés redondos, barriga da perna grossa e tornozelos finos, o que os tornava firmes, pêlo liso, pele não oleosa, de cor preta uniforme, isenta de machas, que não

tivesse cicatrizes e odores fortes; com as partes genitais bem desenvolvidas, ou seja, que não “pecassem pelo excesso, nem por cainheza” (Costa, 1998: 36); o baixo ventre não muito saliente; o umbigo não devia ser volumoso, o contrário, poderia ser indício de hérnias; peito comprido; espáduas desempenadas, sem estarem desviadas do tronco. Isso era um sinal de pulmões bem colocados e desenvolvidos. O pescoço devia estar em justa proporção com a estatura do indivíduo; sobretudo sob a “queixada” não devia haver tumores glandulosos, pois era evidência de afecções que conduziria mais cedo ou mais tarde a uma tuberculose; os músculos dos membros, peito e costas bem salientes, carnes rijas e compactas que deixassem o escravo com um semblante de ardor e vivacidade. Assim um senhor teria um negro saudável para o trabalho escravo.

Depois de comprados, as tarefas de rotina que os escravos novos - ou boçais - deveriam aprender com escravos antigos - ou ladinos - incluíam: cozinhar, lavar a roupa, costurar, fazer doces, cuidar de cavalos, de vacas, bois, construir casas, plantar cana, algodão, café, mandioca, tabaco, cuidar de meninos, horta, jardins, dentre outras atividades.

O leilão de escravos era muito comum no século XIX. Os negros ficavam expostos sobre tablados e o leiloeiro os apregoava, anunciando as suas qualidades. As descrições atentavam contra a dignidade humana e só em 1869 foram proibidas as vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição pública. Já os escravos alugados recebiam um certo salário que era integralmente recebido pelo seu senhor. Na cidade, o aluguel de escravos tornou-se um negócio rentável: alugavam-se: amas, mucamas, cozinheiras e pajens. Exemplos: cf. anúncio 6 e 8

Diário de Pernambuco: Sexta-feira, 11 de agosto de 1854

Precisa-se alugar uma ama preta ou parda, para casa de família, que saiba cozinhar: em Fora de Portas, rua dos Guararapes, casa da quina nº 30.

anúncio 08

Costa (1998) atesta que entre 1855 a 1875 o preço do escravo triplicava, o que tornava cada vez mais onerosa a sua aquisição. No entanto, apesar desse aumento, as fazendas estavam cheias de negros como mão-de-obra para a lavoura.

3.4 A escravidão e resistência

(...) os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitando..." Pai Contra mãe – Machado de Assis

No fragmento acima, com a ironia costumeira, Machado de Assis reproduz os costumes e ideologias da época da escravidão.

A história já deu muita ênfase ao estudo das proibições e maltratos impostos aos escravos e às rebeliões que visavam combater essa situação. Os

atos de rebeldia e rebeliões escravas ocorriam em várias partes do Brasil, mas houve diferenças. Em Pernambuco a população escrava ao invés de enfrentar a situação, preferia contorná-la. Os atos de rebeldia limitada não representavam uma acomodação à situação. Os escravos do Recife souberam utilizar as contradições sociais do momento para abrir novas possibilidades no sistema de escravidão.

O resultado dessa insatisfação foi o desenvolvimento de condutas que não acarretavam um rompimento imediato da prisão, mas o afrouxamento em benefício do cativo e em prejuízo para o sistema escravista. As fugas, mesmo que não fossem definitivas, representavam uma alternativa para tão sonhada liberdade.

Diário de Pernambuco: Segunda-feira, 21 de agosto de 1854.

*Avisos Diversos - No dia 1º do corrente mês **desapareceu** da Vila de Paudalho um menino de nome Antônio Joaquim Padilha, branco, côr morena, seco de corpo, idade 14 anos, altura correspondente à idade, é filho legítimo de Francisco Joaquim Padilha, residente na mesma vila; **foi encontrado e apreendido** nesta cidade no dia 19 do corrente agosto, **mas de novo evadiuse**; e como se ignora o destino que haja tomado, roga-se a qualquer pessoa ou autoridade, que dele souber, se digne participar na rua do Livramento, loja do Sr. Máximo José de Andrade, que muito se agradecerá.*

anúncio 09

O caminho para liberdade do escravo, muitas vezes, começava na construção de uma rede de relações pessoais às quais o cativo pertencia. A captura ou venda do negro na África, a travessia do Atlântico e outras tantas mudanças até chegar ao Brasil, desenraizava-o, os seus vínculos comunitários eram brutalmente quebrados, afirma Carvalho (1998). O processo de reação ao cativo, no Brasil, passava pela reconstrução da identidade étnica, inclusive as

de cunho religioso e cultural e até de uma linguagem própria que poderia ou não corresponder a que se perdera na África.

Quando o negro era novo e exercia bem as suas atividades, se fugia, o dono avisava o capitão-do-mato ou capitães-de-campo e punha um anúncio no jornal. O quando estava ausente e os escravos fugiam dos olhos do senhor, a polícia ou as autoridades competentes faziam o seu trabalho em recolhê-lo; mesmo quando não se anunciava o escravo foragido, os órgãos repressivos elaboravam maneiras de controlar e disciplinar a população geral. Vejamos estes anúncios:

Diário de Pernambuco: Sábado, 14 de janeiro de 1854.

Pegou-se mulata que diz chamar-se Raimunda, cheia do corpo, quem for seu senhor, dirija-se a rua do Jogo da Bola, casa do capitão Manoel Feliciano.

anúncio 10

Diário de Pernambuco: Quinta-feira, 10 de maio de 1855.

Declarações: Pela subdelegacia da freguesia da Boa Vista se faz público, que foram recolhidos à cadeia a parda Maria, que diz ser escrava de Francisco Joaquim da Silva, morador o lugar do Bom Sucesso, junto ao Limoeiro, e o preto Luiz, que diz ser escravo de Francisco Ferreira da Costa, morador no Limoeiro, por apresentem seus títulos nesta subdelegacia. Subdelegacia da freguesia da Boa Vista, 7 de maio de 1855. – O subdelegado suplente em exercício, A. F. Martins Ribeiro.

anúncio 11

Os escravos que fugiam, dos engenhos e plantações do interior, vinham geralmente para Recife onde as ruas eram intensas de pessoas e representavam ser o melhor esconderijo. Havia mais escravos no interior do que na cidade, mas a densidade populacional negra era mais alta no Recife. A existência dessa população negra e mestiça, livre e liberta circulando pelas ruas, oferecia alguma chance para o escravo foragido viver sem ser apreendido. E uma vez longe do

dono, como comprovam os anúncios de fuga, os escravos mudavam de nome e se diziam forros.

Segundo Carvalho (1998) por volta de 1842 houve um censo no Recife, os negros e pardos somavam cerca de 60% da população da Comarca do Recife, que incluía algumas áreas rurais além da cidade, propriamente dita. Como poderia se presumir, havia muita gente escondendo seus negros dos censos, temendo a cobrança de tributos. Pode-se especular, também, um percentual ainda maior de negros na constituição populacional da cidade.

Todavia, parece estranho que a quantidade de pessoas na condição de escravos não tenha levado adiante algum plano de rebelião contra seus senhores. No Recife não há nenhum registro como a *revolta dos malês*¹⁰ de Salvador, Bahia, por exemplo. Os negros e pardos representavam cerca de 70% da população da cidade, mais do que no Recife, mas há um dado que merece reflexão. Segundo Carvalho (1998:178):

“A maior propensão de um grupo de africanos à revolta aberta em boa parte é mais um tema da história da África do que da história do Brasil, pois conforme as circunstâncias do lugar de origem dos cativos, a carga de um navio negreiro poderia ser composta de crianças, agricultores, pastores ou de guerreiros capturados em guerras. (...) Um africano com treino militar teria muito mais capacidade de partir para a luta armada do que um escravo nascido no Brasil...”

¹⁰ A Revolta dos Malês foi uma rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica, em janeiro de 1835. Nessa época, a cidade tinha mais da metade de sua população composta por negros escravos ou libertos, das mais variadas culturas e procedências africanas, dentre as quais a islâmica, como os haussas e os nagôs. Foram eles que protagonizaram a rebelião, conhecida como dos “malês”, termo que designava os negros mulçumanos que sabiam ler e escrever o árabe.

Em Salvador, antes de 1835, chegava uma parcela significativa de africanos que procediam da área onde hoje está situado Benim e Nigéria¹¹, regiões onde se produziam muitos prisioneiros de guerras. Já Pernambuco, no século XIX, importava a maior parte dos seus escravos da região de Angola e Congo; devia haver alguns guerreiros entre eles, mas não se configurava a maioria da população. A carga de negros que desembarcava em Pernambuco era formada, na sua maioria, por crianças, agricultores e pastores. Uma classe social desfavorecida e, muitas vezes, eram pessoas vítimas do sistema tributário africano, o qual a moeda corrente era as pessoas, ou seja, eles próprios.

3.5 O colapso do regime escravista

Nas primeiras décadas do século XIX, a Grã-Bretanha passou de grande mercadora de escravos para transformar-se em “advogada ardorosa e militante da abolição” do tráfico negreiro (Silva, 2003). A escravidão começava a contrariar seus novos objetivos políticos e econômicos ditados pela Revolução Industrial; as mesmas forças que anteriormente encorajavam o tráfico negreiro começaram a condená-lo. O tráfico negreiro, aqui, foi proibido em 1831. Com essa interrupção houve o processo de “ladinização”.

¹¹ Os povos africanos, trazidos para o Brasil ao longo de quatro séculos consecutivos, procediam de duas regiões subsaarianas: do domínio banto, toda a extensão abaixo da linha do Equador, englobando os países: Camarões, Gabão, Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa, Angola, Namíbia, África do Sul, Zâmbia, Botsuana, Uganda, Ruanda, Burundi, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue, Quênia, Lesoato, Malavi. E a África Ocidental, que vai do Senegal à Nigéria, no Golfo de Benim, compreendendo, geograficamente, além desses dois países, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné Conakry, Serra Leoa, Libéria, Burquina-Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo e Benim. (CASTRO, 2002).

Os negros ladinos passaram a predominar na população escrava devido ao cruzamento de raças, dando-se a multiplicação dos mestiços e mulatos. Isso resultou na “desafricanização” da população escrava, que desenvolveu novas formas de sociabilidade e solidariedade entre si, reduzindo, sem eliminar, as rivalidades que existiam entre os escravos de diferentes nações.

Conseqüentemente, o escravo além de se miscigenar abandonava os cultos africanos, movidos pelo interesse de aproximar-se da cultura dominante. Mas a aceitação ao cristianismo era puramente exterior; o negro que recebia o batismo e freqüentava as missas, era o mesmo que freqüentava, nas altas horas da noite, batuques e rituais no interior das senzalas ou nas matas. *“Longe de contribuir para a evangelização, a escravidão corrompia o cristianismo”*. (Costa, 1982: 224)

Nos tempos da colônia existiam tensões entre senhores e escravos, mas isso constituíram protestos isolados que se dirigiam aos representantes visíveis do sistema: o capataz ou o senhor. A partir de 1870, começa a ocorrer fugas em massa que desorganizaram o trabalho agrícola, forçando aos poucos os fazendeiros a aceitarem a abolição como fato inevitável. A rebelião adquiriu um novo significado, na medida em que a instituição escravocrata encontrava-se em declínio.

Essa atitude revelava a característica básica do pensamento antiescravista no Brasil: a moderação. Ao mesmo tempo em que se exaltava à libertação, temia-se por uma revolução fatal ao país, afirmando-se a necessidade de uma abolição lenta e gradual, promulgada pelas leis emancipadoras:

- Lei Feijó, de 1831: proibia a comercialização de negros vindos da África para serem vendidos no Brasil.
- Lei Rio Branco: ou lei do Ventre Livre, lavrada em 1871, significou apenas uma pequena concessão, já que determinava que seria livre qualquer filho de escrava nascido no Brasil.
- Lei Saraiva-Cotegipe, de 1884: mais conhecida como a lei dos Sexagenários; essa lei concedia liberdade às pessoas que tivessem mais de sessenta anos e estabelecia normas para a libertação gradual de todos os escravos, mediante indenização. A lei gerou reações, mesmo na época em que foi promulgada, pois os poucos escravos que conseguiam alcançar tal idade estavam na sua grande maioria, inválidos e inaptos para o trabalho. Dessa forma, gerava despesa para o proprietário, sendo, então, vantajoso conceder-lhes liberdade, já que assim, os senhores descomprometiam-se de qualquer obrigação para com eles.
- Lei Áurea, de 1888: decretava extinta, desde a data desta lei a escravidão no Brasil¹².

A abolição foi idealizada pela classe dominante da época. Os escravos não tinham qualquer possibilidade de elaboração e compreensão crítica da própria situação em que se encontravam. Porém, mesmo sem essa consciência ele fugia, se revoltava e isso foi um fator de influência a favor da libertação. A bem da verdade, os negros não eram totalmente alheios a sua condição de cativos.

¹² O texto curto da lei Áurea dizia: “Art. 1º - É declarada extinta a escravidão no Brasil, desde a data desta lei. Art. 2º - Revogam-se as disposições contrário”.

3.6 A sociedade pernambucana

Cada cidade tem a sua história, não apenas política, mas a de seus costumes, seu modo de vestir, falar e se relacionar socialmente. No Brasil, de um modo geral, a sociedade rural dominou a urbana durante o período da escravidão. As cidades nasciam e cresciam para apoiar a instituição vigente; como era natural para a cidade que representava o pólo econômico e cultural da região nordeste, o Recife possuía uma série de características comuns a outras cidades escravistas brasileiras, como o Rio de Janeiro e Salvador.

Segundo Carvalho (1998), em Pernambuco, as propriedades escravas estavam em grande parte pulverizadas sob o domínio de pequenos e médios proprietários¹³. A vida na cidade baseava-se no trabalho dos escravos; a construção das ruas, praças, chafarizes, residências e igrejas era dirigida por homens livres e executadas por trabalhadores escravizados. Geralmente os senhores residiam nas fazendas, onde dirigiam os trabalhos rurais e ocupavam as residências na cidade, em ocasiões especiais como festas, entressafra e negócios. A paisagem urbana era composta de mulheres negras vendendo quitutes, bolos, cangica e arroz doce nas ruas e de homens aglomerados nas ruas a espera de trabalho.

Recife merece atenção em virtude de algumas especificidades, uma delas era a relação que a cidade tinha com as águas do rio Capibaribe que

¹³ Podemos citar como exemplo aqui em Pernambuco o Engenho Reorico, famoso pelo volume de produção agrícola e com cerca de 40 escravos, pertencente ao Cap. Guilhermino Tavares de Medeiros, primeiro prefeito eleito da cidade de Bezerros/PE. Esse dado pode ser comprovado pelas inúmeras escrituras examinadas por Souto Maior publicadas no livro *Bezerros, seus fatos e sua gente*, de 2005.

emolduravam o espaço urbano, formado principalmente pelos bairros do Recife, Santo Antônio e Boa Vista. A cidade crescia e se expandia, mas era cheia de limitações urbanas: os sobrados se alongavam na paisagem, alguns deles tinham de três a cinco andares e os desafortunados iam se exprimir nos mocambos.

No início do século XIX, os primeiros passos em direção à urbanização foram vistos nas ruas: calçamento, lampiões, calçadas já faziam parte da configuração da cidade. Como hábito, os moradores plantavam nos jardins de suas residências aroeiras, gameleiras brancas, vermelhas e mangueiras. Os “tigres”, baldes cheios de excrementos, despejados de noite nas praias dos rios ou nas cabeças das pontes, foram proibidos de serem despejados nesses locais em 1831. As autoridades municipais obrigaram os habitantes a jogar os urinóis nos pontos determinados para esse fim.

Outro avanço da cidade foi a inauguração do cemitério de Santo Amaro em 1850, assim, não se faziam mais enterros nas igrejas; e por volta de 1860, na administração do Conde da Boa Vista, as casas foram numeradas. Nessa mesma época as ruas foram mudando de nome em homenagem aos heróis das lutas políticas em evidência.

Sette (1978) sintetiza as diversões no Recife baseando-se nas épocas; no ano-novo: cartões, abraços, festa do Bonfim em Olinda; no carnaval: papel picado, bisnagas, cordões de mascarados, clubes de alegorias, filhós; já na quaresma: jejum, procissões, ofício da Paixão, jantar de páscoa com peru gordo, presunto, vinho moscatel, queijo-do-reino e no São João: as adivinhações e as sortes.

Os contatos sociais aconteciam nos teatros; eles serviam de dupla atuação: a das cenas do palco, como um dos parques divertimentos das gentes afortunadas e a das platéias, pois era nesse ambiente que a sociedade se encontrava para os mexericos e para a sua própria exibição. Em 18 de maio de 1850 foi inaugurado o Teatro Santa Isabel, um dos lugares mais movimentados da época; dois anos depois acontecia o primeiro baile de máscaras, evento que se tornou muito comum no Recife de outrora.

3.7 O Diário de Pernambuco _____

A diversidade discursiva da sociedade pernambucana do século XIX está presente nos anúncios publicados no jornal de *Diário de Pernambuco*. Esse veículo de midiático é o único jornal em circulação, no Brasil, desde a época colonial, 1825, até os dias atuais. Em suas páginas foram anunciadas insurreições, crimes, fugas, suicídios de escravos e inúmeros anúncios de imóveis a serem comercializados pela sociedade local da época.

Nesses anúncios as notícias misturavam-se; no espaço onde se anunciava o escravo fugido ou a ser vendido, comercializavam-se sítios, chácaras e artigos importados, “fazendas francesas, alemãs e suíças, de algodão, lã e seda”. Em outros casos, havia anúncios de pessoas que exigiam das autoridades providências em relação a insultos vindos de desconhecidos na rua, brigas de vizinhos, etc.; enfim, tudo virava notícia.

A presença de produtos importados era uma constante, os anúncios descreviam maravilhosos chapéus, lenços, botins e fazendas, entre outros produtos, a um público ávido por novidades vindas das nações ditas civilizadas.

Diário de Pernambuco: segunda-feira, 7 de março de 1853.

Avisos Diversos - Nova fábrica de chapéus de sol no Aterro da Boa Vista nº 22 - O dono deste estabelecimento tem a honra de participar ao respeitável público de Pernambuco, principalmente aos seus fregueses, que lhe chegou pelo último navio de França, um rico sortimento de chapéus de sol, tanto de seda como de paninho, ricos chapéus de senhora, tanto de seda como de paninho, também um grande sortimento de peças de seda e paninho para quem quiser mandar cobrir armações usadas, e faz-se qualquer qualidade de conserto; todos os objetos acima mencionados vendem-se por preço mais cômodo do que em qualquer outra parte.

anuncio 12

No mesmo espaço do jornal onde se vendiam produtos e anunciavam escravos, a população exigia das autoridades locais a solução de problemas de caráter estritamente particular, como é o caso deste comunicado:

Diário de Pernambuco: segunda-feira, 8 de maio de 1855.

Avisos Diversos – Os dois senhores M. e P. que não conhecendo o que é educação, andam juntos insultando todas as famílias da freguesia da Boa Vista, muito principalmente a uma família que mora na rua da Conceição, isto das 9 às 11 horas da noite; coibam-se de um tal proceder, e distingam essa família das filhas de Jerusalém, que moram no Pátio do Carmo, vista que só se procede numa desenfreada carreira com farpelas, do contrário, declarar-se-á os seus nomes por extenso neste jornal. O inimigo da imoralidade.

anúncio 13

Outra característica da época que deve ser ressaltada são os leilões anunciados da época. Através dos anúncios podemos elencar os mais conhecidos leiloeiros de Pernambuco: Oliveira, Pinto, Gusmão, Pestana, entre outros; o agente Oliveira aparece como negociador de vários produtos, tais como:

- Escravos (cf. anúncio 02)

- Imóveis

Diário de Pernambuco: Sexta-feira, 27 de julho de 1855.

*Leilões – Sábado, 28 do corrente, ao meio dia em ponto, o agente Oliveira fará leilão em seu escritório, dos **prédios** seguintes: uma casa térrea, sita na rua de Hortas nº 82, uma dita de 4 andares, na rua Nova nº 19, a qual rende anualmente rs. 1:200\$000; outra térrea, na rua da Roda nº 20, que rende rs. 144\$000, e outra na rua da Roda nº 26, que rende re. 120\$000, sendo as últimas forreiras; os pretendentes são convidados a examinar antecipadamente os mencionados prédios.*

anúncio 14

- e Produtos:

Diário de Pernambuco: Sábado, 5 de maio de 1855.

*Leilões – Schafheitlin & Companhia farão leilão, por intervenção do agente Oliveira, de um novo **sortimento de fazendas** francesas, alemãs e suíças, de algodão, lã, lindo e de seda, as mais próprias do mercado: terça-feira, 8 do corrente, as 10 horas da manhã, no seu armazém, rua da Cruz.*

anúncio 15

Os escravos e imóveis apareciam em várias transações econômicas: venda, aluguel, permuta, etc. “O negro representava uma mercadoria e como tal podia ser trocado, por casas ou terrenos, assim como servia de fiança em caso de hipotecas”. (Costa, 1982:39); como exemplo, temos este anúncio:

Diário de Pernambuco: segunda-feira, 30 de janeiro de 1854.

*Vendas - **Vendem-se ou permuta-se por casas no Recife, ou escravos, três propriedades na cidade de Olinda**, sendo um sobrado na quina de São Pedro Velho encostado ao paço, e duas térreas, uma no fundo do mesmo sobrado, e a outra na rua do Cabral, onde mora Alexandrino César de Melo: a tratar na rua Nova nº 27, ou no Arrombado em frente da matriz, com seu proprietário Angelo Francisco da Costa.*

anúncio 16

Através dos anúncios, também podemos acompanhar as etapas do desenvolvimento da sociedade do século XIX. Nessa época o anúncio já era dotado de “*inteligência, argúcia, chiste*” (Freyre, 1979). A maneira de atrair, de envolver e conquistar fregueses, por si só já constituía o reflexo das cenas

cotidianas da cidade. A moda, a gastronomia, a ganância e a astúcia das pessoas da época, também está representada nos anúncios dos jornais da época.

Essa realidade não é a nossa, mas terá sido de gerações passadas, que se projeta numa realidade atual, através das páginas do jornal *Diário de Pernambuco*, “com toda sua sobriedade” (Sette, 1978: 81).

4. ANÚNCIOS DE ESCRAVOS

“(...) Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente”, - ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse...” Pai contra mãe - Machado de Assis.

Neste capítulo, analisaremos nos anúncios os recursos lingüísticos como o uso dos enfatizadores, amplificadores e intensificadores; os adjetivos mais encontrados, os substantivos relacionados ao negro e os verbos mais recorrentes em função de sua força ilocutória.

O negro aparece com freqüência nos anúncios e podemos encontrá-lo envolvido em vários e diferentes espaços que vão representá-lo na sociedade. Ele aparecia vinculado a todo tipo de transação econômica: compra, venda, aluguel, leilão, fuga e permuta. Em tais anúncios, percebemos a valorização dos tipos físicos: para cada tipo de serviço o escravo ganhava nova forma. Se ele era destinado ao serviço doméstico, a pajens e mucamas, ele se assemelhava ao tipo físico e características culturais dos senhores. Se o escravo era destinado ao serviço agrário, os anúncios evidenciavam o vigor e a força física para o trabalho pesado, afirma Freyre (1979).

Os escravos domésticos e urbanos fugiam menos do que os do campo; talvez por se sentirem mais próximos da cultura dominante, não se afastavam da casa dos seus senhores. E, caso fugissem, os anúncios eram sempre redigidos com um tom que revelavam a familiaridade do dono com o cativo. Os dados eram precisos e a descrição do foragido era de um ser saudável, de boa aparência e algumas vezes erudito.

A linguagem senhorial negava a humanidade dos cativos e buscava sempre humilhá-los. Mas ao descrever um fugitivo era preciso ser o mais fiel possível, sob o risco de tornar o anúncio ineficaz. Não bastava descrever a fisionomia e os trajés dos foragidos. Não era fácil em poucas linhas traçar a aparência de uma pessoa de forma a distingui-la das demais da mesma idade, raça e condição social. Os sinais, as cicatrizes, as marcas de nação e trajés usados pelo cativo ajudavam nessa identificação. Para facilitar o reconhecimento do negro fugido, era preciso ir além da descrição visual; só os pormenores de informações poderiam tornar o escravo inconfundível. Por essa razão os anunciantes apresentavam detalhes sobre o comportamento dos cativos. Nos anúncios mais elaborados não era apenas a aparência, a maneira de falar, vestir, andar que era apresentada, mas as suas característica morais, seus hábitos e até os seus vícios. A descrição ficava por conta do dono do escravo:

Diário de Pernambuco: Sábado, 5 de março de 1853.

*Avisos diversos - Anúncio publicado nesta data pelo DIÁRIO - Ausentou-se da casa do abaixo assinado do engenho Macaco, pertencente à comarca do Paudalho o seu escravo por nome Fideles, o qual lhe servia de pagem, e tem os sinais seguintes: cabra escuro, baixo, cheio do corpo, pernas grossas, cara larga, pouco barbado, cabelos não pixaim, pés e mãos pequenos, **bastante regrista, bebe, e muitas vezes se embebeda, e nessas ocasiões dá para valente;** tem de idade 35 anos: gratifica-se bem a quem o pegar e entregar no referido engenho e se protesta com todo o rigor da lei contra qualquer pessoa que o tiver em sua companhia. - Antônio Gonçalves Ferreira Cascão.*

anúncio 17

Nos anúncios, mais descritivos, podemos observar o comportamento rebelde dos escravos dentro do cativo. Em muitos deles, a fuga aparece como o fim de um percurso, o salto final depois de ter percorrido vários estágios. Alguns desses anúncios são roteiros textuais de história de luta pela liberdade.

4.1 O negro como peça de comercialização _____

Quando o anúncio de escravos tratava de venda ou aluguel a mensagem era composta de intensificadores e adjetivação que ressaltassem as características positivas dos cativos:

O DIARIO não circulou na segunda-feira, 4 de janeiro de 1854. Lia-se no dia 3:

Vendas - Na rua das Cruzes nº 22, segundo andar, vendem-se duas escravas crioulas, de 26 anos de idade, bonitas figuras, engomadeiras e cozinheiras, lavam bem de sabão e todo o arranjo de uma casa, e uma dita de 25 anos, ótima figura, com um filho de 3 anos, muito bonito, e uma dita de nação que cozinha, lava de sabão, e vende na rua, e duas ditas muito possantes, ótimas ganhadoras de rua, que pagam 480 rs. por dia.

cf. anúncio 06

Vários recursos lingüísticos são utilizados para descrever e exaltar os escravos nos anúncios de venda: a qualificação da “peça” é feita através do uso da adjetivação: *bonitas, crioulas*; de verbos com força ilocutória, *vender*; da substantivação, *escrava*, intensificação, *muito*; e ampliação, *ótima figura; muito bonito; muito possantes, ótimas ganhadoras, etc.*

Já nos anúncios de fuga, as características físicas eram descritas em detalhes, com todos os sinais e marcas que pudessem identificar o negro fugitivo dos demais.

O DIARIO não circulou no domingo, 2 de julho de 1854. Lia-se no dia 3:

Avisos Diversos - Antônio, moleque, alto, bem parecido, cor avermelhada, nação Congo, rosto comprido, barbado no queixo, pescoço grosso, pés bem feitos, com todos os dentes, ladino, oficial de pedreiro e pescador; levou roupa de algodão e palhoça para resguardar da chuva. Há probabilidade, de ter sido seduzido por alguém; fugido a 12 de maio pelas 8 da manhã, tendo obtido licença para levar para Sto. Antônio uma bandeja com roupa: roga-se, portanto, a todas as autoridades e capitães de campo, hajam de o apreender e levá-lo a Antônio Alves Barbosa, na rua de Apolo nº 30, ou em Fora de Portas, rua dos Guararapes, onde de pagarão todas as despesas.

anúncio 18

As características físicas: alto, bem parecido, cor avermelhada, rosto comprido, barbado no queixo, pescoço grosso, pés bem feitos, com todos os dentes, ladino; a nação de origem: Congo; as características exteriores: roupa de algodão e palhoça para resguardar da chuva; ofícios: oficial de pedreiro e pescador e a promessa de gratificação: “*onde pagarão todas as despesas*”.

A publicidade é um texto que prende a atenção das pessoas, sua mensagem utiliza vários recursos, desafiando o receptor a decifrá-los. A sua mensagem é permeada de valores, mitos, ideais e outras elaborações simbólicas, utilizando os recursos próprios da língua que lhe serve de veículo.

Dessa forma, a publicidade, por meio da linguagem, distrai, encanta, seduz e informa. Nos anúncios de escravos fugidos, a mensagem veiculada não utiliza a linguagem de forma a atrair os compradores do produto, a função primordial da mensagem é divulgar, tornar o desaparecimento algo público, com descrição detalhada do negro.

Já na comercialização dos escravos a mensagem ganha um sentido mais abrangente, pois os anunciantes da época desenvolviam recursos que procuravam deixar interessados os futuros compradores – ou receptores – a utilizarem o serviço; ressaltavam-se, por exemplo, os atributos positivos dos cativos, suas qualidades físicas, morais ou profissionais; havia a força argumentativa, mas sem muita consciência desses critérios.

O trabalho desenvolvido no Recife, em meados do século XIX, funcionava na força humana escrava. Mas o escravo não era apenas essa força, ele representava mais que isso; ter escravos representava ter riqueza, *status*, possuir um bem que produzia valores de uso; aspectos muitos valorizados no meio publicitário nos dias atuais. Os trabalhos das cativas eram afazeres extremamente pessoais: “como sexo pro sinhô, leite pro bebê e cafuné na sinhá” (Carvalho, 1998:270), assim, é natural que fossem cobiçadas.

Os escravos eram constantemente valorizados nos anúncios como “robustos”, “fortes” e “sadios”. Como exemplo, temos um anúncio onde o termo “possante”, adjetivo que nos dias atuais é utilizado para designar os automóveis, foi usado para qualificar um escravo a ser vendido, como também o uso de outros elementos enfatizadores que ressaltam os fatores positivos do cativo:

Cf.: anúncio 6

Em muitos anúncios, encontramos escravos que eram trocados ou permutados com outros objetos, considerados também indispensáveis; neste anúncio, deseja-se trocar um sítio por duas escravas. Neste exemplo, as características positivas são direcionadas para o imóvel:

Diário de Pernambuco: Quinta-feira, 20 de julho de 1854.

*Avisos diversos - Troca-se por duas escravas, pequeno sítio junto a esta cidade, **muito propício para morar, plantar e criar** pois **está livre da maior cheia** que possa haver. O qual está situado em terreno próprio, e tem **muitos e excelentes pés de fruteiras de todas as qualidades**, e muitas outras proporções que se farão ver a quem o pretender: a tratar em Fora de Portas, casa nº. 55.*

anúncio 19

As transações entre senhores na sociedade escravocrata eram constantes, sempre na base de compra e venda, como era normal nas vendas de terrenos e casas. O negro sempre representava uma mercadoria, de grande significado econômico. Daí a resistência de muitos senhores para alforriar suas “peças”.

Evidenciamos, nos anúncios, uma abundância de pormenores identificadores do negro: há diferenças na forma do nariz, tamanho dos pés, mãos, dedos, etc. Os negros oriundos da África vinham de várias regiões, essa variedade está refletida nos tipos físicos descritos nos anúncios: marcas de nação, barbas, xales, vestidos. Os oriundos da Costa, de carapinhas brancas, geralmente tinham seu linguajar nem sempre compreensível.

Diário de Pernambuco: Quinta-feira, 22 de abril de 1854.

*Avisos - Está fugido desde 3 de dezembro do ano que acabou, o preto Joaquim Angola, escravo do falecido Sebastião José de Oliveira Macedo, que se achava no poder e administração do testamento do dito falecido, para cumprir-se a verba testamentária, e na conformidade do despacho do Ilm. Sr. Dr. Juiz de Direito do Civil; cujo escravo é bem preto, de estatura alta, bem barbado, **fala com desembaraço, porque como veio pequeno da Angola** e há muitos anos era escravo do referido Macedo, **não parece africano, porém crioulo**, de 32 anos: quem o pegar e levá-lo ao abaixo assinado no Modengo, defronte do portão do Sr. Luiz Gomes, será recompensado. - Francisco de Paula Pires Ramos.*

anúncio 20

4.2 Descrição e exaltação do objeto – escravos _____

O texto publicitário utiliza várias estratégias para persuadir, desse modo estabelece familiaridade ao produto, dotando-o de atributos e características que favoreça a compra. Vários recursos lingüísticos são utilizados para descrever e exaltar os escravos nos anúncios: a qualificação da “peça” é feita através do uso da adjetivação, de verbos com força ilocutória, da substantivação, intensificação, ênfase e ampliação.¹⁴

- Os enfatizadores encontrados nos anúncios:

“Será **generosamente** recompensado”

“Será **suficientemente** recompensado”

“... que **prontamente** dará o prometido”

- Os amplificadores são os superlativos que indicam o mais alto grau, eles podem ser observados nas seguintes estruturas:

“estatura **mais** que regular”

“**ótima** figura”

“**lindíssima** figura”

“**bastante** figura”

“**bem** ladino”

“anda **muito** faceiro”

¹⁴ A intensificação pode ser definida como o exagero lingüístico. Os enfatizadores e os amplificadores são largamente utilizados para intensificar os aspectos positivos dos produtos apresentados. Eles são expressos pelos advérbios de modo para reforçar o que está descrito. (Carvalho, 1996)

“*mão e pés **grandes***”

“***alta** e magra”*

“***cheio** do corpo”*

- Os intensificadores moderadores são utilizados para atenuar os aspectos negativos do escravo. Eles são os menos utilizados na mensagem publicitária, mas podemos encontrá-los em alguns anúncios:

“*mão e pés **pequenos***”

“***pouco** barbado”*

Além da referência às características que os negros possuíam realmente, o anunciante fazia questão de ressaltar a singularidade dos “produtos anunciados”, reafirmando o caráter do negro pela negação. Exemplos:

“**não** parece africano” (DP 22/04/1854) cf.: anúncio 20

“**sem** achaques, **nem** vícios” (DP 06/05/1854)

“cabelos **não** pixaim” (DP 05/03/1853) cf.: anúncio 18

“**não** fala desembaraçado” (DP 23/03/1853) cf.: anexo

“**não** tem falta de dentes”

Diário de Pernambuco: Sábado 30 de julho de 1853.

*Avisos Diversos – Precisa-se de uma mulher moça e limpa, que não tenha vício, isto é, que **não beba e não pegue no alheio**, e que saiba engomar, coser, lavar de sabão e cozinhar o diário de uma casa de homem solteiro, e que dê fiador a sua conduta, pagando-se mensalmente seis mil réis: quem estiver nestas circunstâncias dirija-se à rua da Cadeia de Santo Antônio, sobrado de três andares, nº 15, no terceiro andar, onde se achará com quem tratar.*

anúncio 21

A intensificação também pode ser obtida não apenas por meio dos advérbios, mas pela repetição de nomes:

Diário de Pernambuco: Segunda-feira, 20 de junho de 1853.

*Escravos fugidos - Desapareceu a 19 de maio próximo passado, o **preto** André, crioulo, de idade de 20 anos, pouco mais ou menos, altura regular, pernas finas e pés cambados de bichos, **bem preto**; levou camisa e ceroulas de algodão da terra, e chapéu de palha; roga-se às autoridades policiais a apreensão do mesmo, ou aos capitães de campo; e de o levarem a seu senhor João de Deus Melo, na Pedra Tapada, comarca do Limoeiro, ou no Recife, rua do Queimado, loja de Lopes & Pinheiro nº 38.*

anúncio 22

- A adjetivação é outro recurso utilizado nos anúncios publicitários. Os adjetivos servem para representar as qualidades em si (algo intangível) ou qualificar um objeto representado por um nome. Os adjetivos mais freqüentes nos anúncios de escravos são:

acabralhado	chato	desdentado(a)
alto(a)	cheio(a)	desembaraçada
apartado	claro(a)	escravo(a)
apressado(a)	comprimado	escuro(a)
baixo	compridos	esperto(a)
barbado	convicente	excelente
bem	corcovado	falador
bonito(a)	corpulento(a)	fanhoso(a)
branco	crespo	fiel
carapinho	crioulo(a)	fulo(a)
cativo(a)	curtas	gordo(a)

grosseiro(a)	ótimo(a)	regrista
grosso(a)	pardo(a)	regular
ligeira	pequeno(a)	ruivo
magro(a)	pixaim	sadio
moço(a)	prendada	seduzido
mulato(a)	preto(a)	trêmula
negro(a)	reforçado	vagaroso(a)

Para Vilanova (2001:137) “o adjetivo é uma faca de dois gumes”, pois empregado devidamente enriquece as expressões; usado impropriamente, anula a força da expressão. Na língua portuguesa, o nome (adjetivos e substantivos) possuem características muito semelhantes, se caracterizam pelos morfemas de gênero, número e grau. “*Mas para a precisão do enunciado, quer para sua expressividade, o adjetivo se impõe como termo imprescindível*”. Por isso ele estará presente ao lado do substantivo, descrevendo ou estabelecendo contrastes, comparações e intensificações de sentido.

Os adjetivos podem ser usados pospostos ou antepostos aos substantivos. A própria posição do adjetivo pode alterar o sentido da frase, vejamos no anúncio abaixo:

Ex.: cozinheiro excelente / excelente cozinheiro

Diário de Pernambuco: quarta-feira, 14 de março de 1853.

Avisos diversos - Aluga-se um preto cativo, excelente cozinheiro, muto sadio, na rua do Queimado, 46, segundo andar.

anúncio 23

Dependendo da disposição no anúncio, esses termos selecionados ora são adjetivos, ora são substantivos: *bem, bonito(a), branco, cativo, crioulo(a), curtas, desdentado(a), escravo(a), escuro(a), esperto(a), falador, fiel, fulo(a), furtado, gordo(a), grosseiro(a), grosso(a), ligeira, magro(a), moço(a), mulato(a), negro(a), ótimo(a), pardo(a), pequeno(a), pixaim, preto(a), regrista, regular, ruivo e seduzido.*

A possibilidade de alternar o adjetivo com o substantivo abstrato é um recurso estilístico de forte efeito, como podemos observar nestes trechos dos anúncios de escravos:

Ex.: - *Desapareceu (...) um escravo crioulo de nome Hilário, (...), com **panos pretos** no rosto ...* (DP: 30/03/1853) cf. anexo

- *Avisos - No dia 11 do passado desapareceu a **preta** de nome Clara, (...) **pés e mãos secas**...* (DP: 08/05/1853) cf. anexo

O Diário não circulou no domingo, 25 de setembro de 1853. Lia-se no dia 26:

Vendas – Vende-se um molecote de bonita figura, bom cozinheiro, pois não só sabe cozinhar o diário de uma casa, pois apronta um banquete sem o socorro de mais alguma pessoa; um bonito mulatinho com ofício de sapateiro, e boa conduta; um dito muito bonito, um moleque de 12 anos, esperto, quatro negros para enxada, uma negra cozinheira, moça e de boa conduta, uma dita boa quitandeira, também moça, mais três moças e robustas, duas mulatinhas de 10 e 12 anos, muito lindas, próprias para serem dadas de mimo a alguma menina, por serem muito espertas: na rua Larga do Rosário, nº 22, segundo andar.

anúncio 24

Embora o valor do substantivo se determine essencialmente pelo contexto, quando anteposto, se reveste de valor subjetivo, traduzindo uma apreciação afetiva do substantivo e quando posposto, tem caráter objetivo e descritivo.

As palavras que exprimem julgamento pessoal são também carregadas de afetividade. Predominam nesse caso, os adjetivos que atribuem qualidades positivas ou negativas, valorizadas ou depreciativas, que podem ser distribuídas semanticamente no campo do bem / mal; bonito(a) / feio(a); grosseiro(a) / delicado(a); etc.

Segundo Austin (1990), os filósofos demonstram interesse pela palavra “bom” e, além disso, se interessam pelo modo como a usamos e pelos fins que a empregamos. Nos anúncios de escravos a palavra aparece para expressar recomendação (do escravo à alguma atividade) ou para qualificá-lo como objeto satisfatório. Algumas características individuais como a beleza física, a rebeldia ou “docilidade”, mesmo sendo atributos subjetivos, difíceis de serem avaliados objetivamente, influíam na valoração do escravo.

- Os verbos completam o quadro lingüístico dos anúncios, pois ordenam, pedem e incitam à executar a ação final proposta: vender, alugar, apreender, capturar, etc. Os verbos mais recorrentes nos anúncios de escravos em função de sua força ilocutória são:

achar	beber	dar
ajustar	capturar	declarar
alugar	comprar	desaparecer
andar	conduzir	descobrir
anunciar	conviver	desconfiar
apreender	coser	dirigir
ausentar	cozinhar	encontrar
babar	cumprir	engomar

entregar	oferecer	recomendar
evadir	pagar	recompensar
falar	parecer	representar
fugir	passar	retirar
furtar	pedir	rogar
gratificar	permutar	seduzir
ignorar	pertencer	ser
julgar	precisar	servir
lavar	preferir	sofrer
leiloar	prender	tomar
levar	pretender	tratar
mandar	prometer	trocar
necessitar	protestar	vender
ocultar	receber	ver

Segundo a classificação de Austin (1960), podemos agrupar alguns verbos nas seguintes classes de proferimentos em função de sua força ilocucionária:

- Os veriditivos consistem em emitir um juízo: *achar, descobrir, desconfiar, ignorar, julgar, preferir, tomar, ver.*
- Os exercitivos consistem em dá uma sentença, em oposição a um veredito, são eles: *ajustar, alugar, anunciar, apreender, capturar, conduzir, dar, dirigir, entregar, leiloar, levar, mandar, pagar, passar, pedir, permutar, prender, protestar, recomendar, vender.*

- Os comissivos comprometem quem o usa a uma determinada linha de ação: *convencionar, comprar, cumprir, gratificar, oferecer, premiar, pretender, prometer, seduzir.*
- Os comportamentais são as reações diante da conduta e da sorte dos demais: *andar, babar, beber, conviver, coser, cozinhar, engomar, evadir, falar, fugir, furtar, lavar, necessitar, ocultar, rogar, sofrer.*
- expositivos consistem em expressar opiniões: *declarar, retirar, ser.*

4.3 O espaço discursivo da escravidão _____

O escravo tinha como forma para rebelar-se, contra o regime a que era submetido, a fuga. Muitas vezes, esse era o único meio que ele encontrava de lutar contra o sistema. Na sociedade escravista o escravo não tinha vez e muito menos voz.

Os anúncios visavam a informar um determinado acontecimento: fuga, venda, aluguel ou permuta de escravos e objetivavam um efeito *perlocucionário*: captura, aluguel ou compra. Esses anúncios, especificamente, são redigidos no plano enunciativo do relato, com estrutura semelhante ao da notícia; o emissor se apaga e dá-se ênfase ao evento discursivo, ou seja, ao escravo fugido ou a ser vendido.

As falas são legitimadas porque emanam do poder escravocrata instituído pela sociedade, representando o poder dominante. É esse poder que dá às pessoas a competência para capturar o escravo que lhes fugiu, denunciar os apreendidos e apelar para autoridades policiais ou qualquer outra autoridade competente que se

encarreguem de trazer o escravo de volta. Na maior parte dos anúncios analisados, o anunciante fazia questão de ressaltar as recompensas:

“ (...) gratifica-se bem a quem o pegar...”

“(...) quem o apreender, será bem recompensado.”

“ (...) será bem recompensado pelo seu trabalho”.

“ (...) será generosamente recompensado”

“ quem o pegar leve-o (...), que receberá a gratificação de 30\$000 rs. e também paga-se com generosidade a quem der uma notícia exata onde existe dito escravo.”

Segundo Brandão (2004), o discurso dominador só pode ter como interlocutor alguém que pertença ao seu próprio círculo social, político e econômico; esse discurso é caracterizado por ser monológico e excludente. O destinatário da mensagem são os outros proprietários de escravos ou seus representantes, feitores ou capitães-de-campo.

O escravo é o referente da tematização do discurso. Ele é transformado em objeto de uso, refletindo a realidade de sua condição de “peça” ou “coisa” e de sua impossibilidade de se assumir como sujeito.

A estrutura frásica da composição dos anúncios reforça a não-pessoalidade dos escravos. O locutor vem identificado pelo nome completo como indicação do seu espaço social, já o escravo vem nomeado apenas com o primeiro nome.

Diário de Pernambuco: quarta-feira, 29 de março de 1854.

*Avisos - No dia 24 do corrente desapareceu do abaixo assinado um seu escravo de nação por nome **Sebastião**, quarenta e tantos anos, alto, pouca barba, dentes limados, pés e mãos grossas, levou camisa de algodão de lista azul e calça de algodão azul, cujo escravo foi da senhora **D. Mariana da Conceição Pereira**, e há toda certeza de andar na Boa Viagem ou Santo Amaro de Jaboatão, de onde há pouco chegou da dita fugida, tendo ali se conservado oito meses dentro daquelas matas: recomenda-se às dignas autoridades daquele lugar e capitães de campo a captura do mesmo, que serão generosamente recompensados, na rua do Crespo nº 10, - José Gonçalves .*

anúncio 25

A interlocução entre aquele que anuncia e os possíveis compradores se dá de forma impessoalizada. O tratamento dado ao destinatário é de forma distanciada, como por exemplo:

Diário de Pernambuco: Sábado, 4 de fevereiro de 1854.

*Precisa-se alugar duas escravas que tenham boa conduta, para o serviço de casa e vender na rua em um taboleiro: **quem as tiver e quizer alugar**, dirija-se á rua larga do Rosario, taberna 29.*

anúncio 26

As estruturas sintáticas, dadas ao destinatário da mensagem, mais recorrentes são:

- *quem o pretender;*
- *quem o quizer alugar vá (...) ... onde se achará com quem tratar.*

Em alguns anúncios podemos destacar a presença de:

- modalizadores adverbiais: *perfeitamente*
- conectores: *como também*

Diário de Pernambuco: Sábado, 21 de janeiro de 1854.

*Aluga-se uma escrava, que entenda **perfeitamente** de engomar e fazer o serviço interno de uma casa; **como também** um moleque de 12 a 15 anos, próprio para o serviço de casa; promete-se bom tratamento e não se põe duvida ao pagamento: quem tiver dirija-se ao consulado americano.*

anúncio 27

A palavra fugir semanticamente significa “*escapar(-se), desviar(-se) precipitadamente de perigo, pessoa ou coisa ameaçadora, desagradável ou tentadora*” (Houaiss, 2001). No anúncio de “fuga” encontramos o sentido da ação do

escravo, quando fogem para escapar dos feitores ou senhores, manifestam com esse ato, uma forma de resistência. Brandão (2004:14) acredita que essa resistência é primitiva, animal, mas era a única possível para escapar ao sistema opressor.

4.4 A composição textual-discursiva dos anúncios _____

As formas de textualização dos anúncios relacionados podem ser esquematizadas da seguinte maneira¹⁵:

X foge de Y

Características de X

Gratificação

(Função: informar para apreender / capturar)

Diário de Pernambuco: Domingo, 8 de maio de 1853.

Avisos - No dia 11 do passado desapareceu a preta de nome Clara, escravo do abaixo assinado: cor fula, estatura alta, corpo regular, pés e mãos secas, dados compridos, tem em uma das orelhas no lugar dos brincos um buraco, e é bastante ligeira, e excelente engomadeira e cozinheira: levou vestido de chita, e pano fino preto com barra de pelo de chapéu, consta ao abaixo assinado que ela se acha oculta em uma certa casa, e para que ninguém se chame a ignorancia, declara proceder contra toda e qualquer pessoa que a dita escrava ocultar, assim como premiar generosamente a quem apreender e levar a preço da Boa Vista, sobrado nº 10. - José Antão de Souza Magalhães.

anúncio 28

Do anúncio de escravo foragido, geralmente, consta o nome escravo, o nome do senhor ou da pessoa a quem o cativo deve ser entregue; descreve-se os trajes do escravo quando este desapareceu; delinea-se a fisionomia e demais traços físicos, incluindo as marcas de castigos e nação; explicitam alguns hábitos, as suas

¹⁵ Esquema elaborado por Brandão (2004).

idiosincrasias; às vezes é indicado o local onde ele teria sido visto pela última vez; oferece-se alguma recompensa pela captura; e também ressalta-se o comportamento e sua conduta moral.

4.5 Campo de significações relacionados ao escravo _____

O sistema lexical de uma língua é a soma de experiências da sociedade e da sua cultura (Carvalho, 2002: 42). Cada comunidade realiza a categorização das experiências de vida através dos lexemas. A memória registra de maneira ordenada este sistema lexical através dos antônimos, homônimos, parônimos e sinônimos. A forma de estruturar o léxico está ligada aos termos que apresentem algo em comum.

Vanoye (1981: 34) apresenta duas noções que nos permite estudar o léxico de uma língua. O *campo semântico*, que é o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado e o *campo lexical*, que é o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa.

Para compreendermos a linguagem veiculada nos anúncios do século XIX, partimos do léxico, das estruturas lexicais e dos aspectos fraseológicos para analisar o discurso. Após a leitura dos anúncios, procedemos com levantamento de todas as palavras ligadas ou relacionadas à noção de escravos. Pelo reagrupamento das palavras sinônimas e associadas, obtivemos uma definição de como essas duas propriedades estavam apresentadas.

O anúncio do século XIX ganhou importância não só devido à sua função pragmática, mas também por revelar-nos outras informações subjacentes em seu interior. A análise crítica desse do seu discurso torna-se importante visto que, ao analisar as relações estruturais dos discursos presentes no texto, podemos investigar como a desigualdade entre os indivíduos era expressa, sinalizada, constituída e legitimada através discurso da sociedade escravocrata.

Percebemos, nos anúncios, as diversas formas de discriminação, transparentes ou veladas e as relações de poder e controle impostas pelos senhores em relação aos escravos e principalmente impostas pelo próprio sistema.

4.6 Campos léxicos

Campo léxico ou domínio léxico é entendido como “uma configuração estrutural que agrupa itens lexicais que compartilham características semânticas comuns” (Gomes, 2007: 29), e, além disso, comportamentos sintáticos semelhantes.

Segundo Gomes (2007) o agrupamento dos itens lexicais na mente obedece aos seguintes critérios: traços semânticos, sintáticos, morfológicos, fonológicos e traços pragmáticos.

A partir dos estudos das categorizações gramaticais, a análise, nessa etapa da pesquisa, baseou-se na categorial lexical, através dos vários termos encontrados nos anúncios; agrupamos em campos lexicais as características físicas: altura, cabelos, rosto, nariz, dentes, corpo, forma de andar, forma de falar, olhos/forma de olhar, pernas e pés, mãos e pés, tonalidade da pele/traços raciais;

as características físicas: sinais / castigos / defeitos físicos; as características comportamentais; as características morais; as referências ao negro, as idiossincrasias, as qualificações; as características exteriores: vestuário; as doenças; o lugar de origem; os ofícios e funções da época.

4.6.1 Descrição do escravo

DESCRIÇÃO DO ESCRAVO	
Campo lexical	Características Físicas - altura
ocorrências 16	<i>alto(a) / altura regular / estatura alta / estatura baixa / estatura mais que regular / estatura ordinária / estatura regular / altura correspondente à idade / baixo(a) / baixo do corpo / boa estatura / boa altura / alta e magra / altura e corpo regular / baixa e grossa / corpo e altura regular*</i>
Campo lexical	Características Físicas - cabelos
ocorrências 14	<i>acabralhado / carapinho e ruivo / cortado / preto e crespo / apartado / brancos nos peitos / carapinhados / compridos / corridos / não pixaim / pretos e compridos / pretos e corridos / pretos e crespos / quase corridos</i>
Campo lexical	Características Físicas – rosto
	<i>cara comprida / cara e nariz chato / cara feia / cara larga / cara lisa / cara redonda / cara talhada / cara um pouco larga / beijos arrebitados / beijos grandes / beijos grossos / beijos</i>

<p>ocorrências 44</p>	<p><i>grossos e dobrados / boca grande / boca pequena / bochechuda / marcas da nação / marcas de bexigas no rosto / marcas de espinhas pelo rosto/ barba serrada / bastante barbado / bem barbado / feia de cara / feições grosseiras / feições regulares / não tem barba / sem barba / não tem barba nem buço / com as maçãs (sic) do rosto um tanto altas / pouca barba / pouco barbado / testa larga / testa pequena / testa redonda / rosto descarnado / rosto grosseiro / rosto marcado de bexigas / rosto redondo / rosto redondo e até inchado / rosto regular / rosto triangular / rosto cheio de sardas / rosto comprido / rosto comprido e barbado no queixo.</i></p>
<p>Campo lexical</p>	<p>Características Físicas – nariz</p>
<p>ocorrências 2</p>	<p><i>nariz chato / nariz chato e grosso (grosso e chato).</i></p>
<p>Campo lexical</p>	<p>Características Físicas - dentes</p>
<p>ocorrências 22</p>	<p><i>dentes acangulados / dentes claros e alguma coisa aruinados / dentes limados / dentes miúdos / dentes miúdos e alguma coisa separados / falta de dentes / falta de dentes de cima / falta de dentes na frente / desdentada da frente até o queixal / desdentada da parte de cima, tanto dos lados como da frente / desdentado / com falta de dentes / com (tem) falta de dentes da frente de cima / com falta de dentes na frente / com falta de um ou dois dentes na frente / não tem falta de dentes / com todos os dentes / com um dente da frente aberto naturalmente / tem alguma falta de dentes / tem dentes abertos na frente / tem falta de três dentes na frente / tem um dente separado um do outro na mandíbula superior</i></p>

Campo lexical	Características Físicas – corpo
ocorrência 24	<i>cheia do(de) corpo / gorda do corpo / gordo / grosso(a) / grosso do corpo / corpo reforçado / corpo regular / corpulento / / corpo cheio / bom corpo / magro(a) / ombros largos / barriga grande / barriguda / bastante gorda / bem feito do corpo / reforçado do corpo / seca(seco) do corpo / seco do corpo e alto / um tanto cheio do corpo / um tanto seca / peitos pequenos / pescoço grosso / corpo e altura regular*</i>
Campo lexical	Características Físicas – forma de andar
ocorrências 7	<i>anda apressado / anda muito faceiro / anda ordinariamente / andar corcovado / andar vagaroso / quando anda é sempre comprimido* / quando anda estala as juntas do pé*</i>
Campo lexical	Características Físicas – forma de falar
ocorrências 18	<i>muito falador e esperto* / fala atravessada / fala baixo / fala com desembaraço / fala descansada / fala desembaraçado / fala fanhosa / fala grossa / fala grossa e não inteligível / fala muito bem / fala pausada / fala trêmula / fala um pouco fanhosa / fala um pouco tato / não fala desembaraçado / bastante falador / costuma babar-se ao falar / tem ar espantado quando fala</i>
Campo lexical	Características Físicas – olhos/ forma de olhar
ocorrências 15	<i>olhos abugalhados / olhos agatados / olhos amarelaços / olhos amortecidos / olhos azulados / olhos fundos / olhos grandes / olhos grandes e pretos / olhos pequenos / olhos pequenos e empapuçados / olhos pequenos e vivos / olhos vermelhos / quando olha é através / torto de um olho / vesga *</i>

Campo lexical	Características Físicas – pernas e pés
ocorrências 25	<i>pernas arqueadas / pernas e pés grossos / pernas finas / pernas grossas / pés apalhetados / pés um pouco apalhetados / pés bem feitos / pés cambados de bichos / pés e mãos grossas / pés e mãos secas / pés grandes / pés inchados / pés mal feitos / pés pequenos / pés secos e pequenos / tem cicatrizes de ferida nas pernas, e mal feitas por anda de calças* / tem o pé esquerdo deitado para dentro / tem um pé mais grosso do que o outro / aleijado de perna esquerda* / no outro pé no mesmo dedo, tem outra ferida mais pequena* / o dedo grande do pé bastante separado dos outros* / os dedos grandes torto para dentro* / tem uma cicatriz de golpe de machado em um dos dedos grandes do pé* / cambado das pernas* / tem uma ferida esponjosa no dedo grande do pé direito*</i>
Campo lexical	Características Físicas – mãos e pés
ocorrências 6	<i>dedos compridos / mãos e os pés grossos / mãos e pés curtos / mãos e pés grandes / mãos e pés pequenos / defeituoso dos pés, proveniente de cravos*</i>
Campo lexical	Características Físicas – tonalidade da pele / traços raciais
ocorrências 31	<i>acablocados / “côr (sic) bem preto(a) / cor acablocada / cor acabralhada / cor avermelhada / meia fula / um tanto fula / fulo(a) / clara / cor morena / cor taioca / cor vermelha / alguma coisa fula / cabra / cabra escuro / crioulo(a) / crioulo preto bem retinto / escuro / meio fula / mulato(a) / negro(a) / cor preto(a) / pardo(a) / pardo acablocado / formoso curibocazinho / caboclo / mulatinho (a) / mulata cativa / mulata forra / crioulo</i>

* Característica em outro campo lexical

4.6.2 Os sinais de castigo e tortura: _____

“(...) O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pensava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado...” Pai contra mãe - Machado de Assis.

Os sinais de tortura e castigo, as cicatrizes, as marcas de ferro, não só testemunham contra os rigores da escravidão, como também denunciam a maneira como o escravo era tratado. No campo lexical das palavras relacionadas às características físicas, optamos por apresentá-las junto “os sinais” “sinais de castigo” e “defeitos físicos”, porque estas marcas, nos escravos, poderiam advir tanto do trabalho duro a que eram submetidos como também da violência dos castigos que sofriam.

Campo lexical	Características físicas: sinais / sinais de castigos / defeitos físicos
Ocorrências 49	<i>a unha do dedo grande da mão direita aleijada / abaixo do olho esquerdo tem uma marca de ferida já velha / acima do tornozelo do pé direito uma cicatriz de queimadura / aleijado de perna esquerda* / algumas cicatrizes nas costas de chicote / com as pontas das orelhas encolhidas / em cada pé tem um dedo curto e levantado dos outros / a ponta da orelha direita cortada / com uma cicatriz próxima ao olho direito / com um cicatriz redonda na espádua direita / com uma papeira debaixo da barba / cicatriz... outras antigas de castigos que levou / no outro pé no mesmo dedo, tem outra ferida mais pequena* / no queixo uma costura de uma queda em pequeno* / cambado das pernas* /</i>

	<p><i>uma cicatriz em uma fonte / uma orelha rasgada do brinco / uma pequena papada do lado esquerdo / vesga* / o dedo grande do pé bastante separado dos outros* / os dedos grandes torto para dentro* / em ambas orelhas umas carnes crescidas, proveniente de furamento das mesmas orelhas / em uma das orelhas no lugar dos brincos um buraco / na testa uma cicatriz de uma cacetada que sofreu / nas duas faces uns talhos, que parece também sinal da terra / quebrado de uma virilha / quebrado do umbigo, como se fossem limados / a flor do rosto um tanto manchada, bem como braço e peito / algumas marcas de bexigas / no nariz marcas de bexigas / dois panos no rosto / um pouco carounda / meio cocunda / uma firma de letra no peito esquerdo / marca no rosto do lado direito / uma cicatriz de golpe de machado em um dos dedos grandes do pé* / um sinal nádegas na perna direita, de uma ferida, cor preta / uma costura na clavícula / uma enruga junto da boca, ela é já quebrada do rosto / um sinal no peito do lado esquerdo/ tem sobancelha do olho / uma ferida esponjosa no dedo grande do pé direito* / tem uma marca de ferida no peito direito / uma pequena belide,... no olho esquerdo / panos pretos no rosto / tendo o index da mão direita aleijado de um talho / uma belide em um olho, do que talvez esteja cego / defeituoso dos pés, proveniente de cravos / cicatrizes de ferida nas pernas, e mal feitas por anda de calças*</i></p>
--	---

* Característica em outro campo lexical

Vejamos este anúncio:

O DIARIO não circulou no domingo, 22 de maio de 1853. Lia-se no dia 23:

*Avisos - Está fugido desde o dia 7 de abril próximo passado o escravo José crioulo, de idade de 18 anos, pertencente a Mariana Luiza de Albuquerque, da cidade do Penedo, e já foi visto na barra de São Miguel, o qual tem os sinais seguintes: estatura mais que regular, cara lisa, olhos amortecidos, **tem a ponta da orelha direita cortada**, no queixo uma costura de uma queda em pequeno, pés grandes e é oficial de pedreiro, cozinha, cose e engoma; pede-se às autoridades policiais capitães de campo e mais pessoas, no apreendam e o levem à dita cidade do Penedo ou nesta praça à rua do Crespo nº 6, que se recompensará generosamente.*

anúncio 29

O quadro relacionado às marcas e castigos que o escravo trazia no corpo é considerado um dos mais relevantes para a nossa pesquisa, porque era justamente por esses sinais que o negro era reconhecido nas ruas. Assim, como as marcas do chicote, as palavras que eram usadas para anunciar o negro no jornal, também o maculavam.

4.6.3 As características comportamentais

Campo lexical	Características Comportamentais
<p>ocorrências</p> <p>51</p>	<p><i>entende bem do serviço de cozinha / engoma muito bem / cozinha / faz renda / lava roupa / lava bem roupa / lava de sabão / lavam bem de sabão e todo arranjo de uma casa / todo serviço de uma casa / muito boa e fiel / muito sadio / muito falador e esperto* / muito convincente / muito boa conduta / muito ladina / próprio para pagem ou qualquer ofício / próprio para serviço de casa / prendada / sem vício* / nem achaques / engoma / tudo faz muito bem / serve para mandados / esperto / esperto e muito fiel /faz todo o mais serviço de casa / tudo faz com muito asseio e limpeza / ótimas ganhadoras de rua / cose / cose chão / faz qualquer serviço ou ofício / por serem muito espertas / sem achaques, nem vícios / lê e escreve mal/ a cabeça batida de detraz (sic) para diante / aparência caboclada / bem parecido / bem preto e barbado / costumar andar com vestidos muito compridos / pinta bastante na barba e cabelo / ótima figura / lindíssima figura / brincos nas orelhas / bunda empinada para fora / moço(a) / bastante moço / não parece africano, porém crioulo / bastante ligeira / bastante regrista* / bem ladino* / desembaraçada*</i></p>

Campo lexical	Características morais
ocorrências 9	<i>sem achaques / muito preguiçoso(a) / bebe / costuma embriagar-se a miúdo / muitas vezes se embebedada, e nessas ocasiões dá para valente / mulher moça / não pegue no alheio/ sem vício* / é dado a valente / boa conduta*</i>
Campo lexical	Referências ao negro
ocorrências 38	<i>cativo / cria / escravo (a) / escravo (a) crioulo (a)/ escrava parda / escravo cabra / forro / escrava mulata / pardinho / pardinho forro / moleque bonito / moleque / preto (a) cativo (a) / preto (a) crioulo (a) / preto (a) da Costa / preta da nação / preta forra / preto escravo / preto velho / escravo de nação / negro (a) / negra da Costa / mulher parda / preta forra / linda e jovem mulatinha / escrava preta ou de cor / cabrinha / dita de nação / filho do sertão/ mulata / um molecote / bonito molecote / mulatinho / bonito mulatinho / preto(a) / uma forra ou cativa / ama forra ou cativa / negro (a).</i>
Campo lexical	Idiossincrasias
ocorrências 10	<i>é atoleimado / é meio atoleimado / costuma andar com um charuto atraz (sic) da orelha / bastante regrista* / bem ladino* / desembaraçada* / inclina a cabeça para um lado quando anda / quando ri-se franze toda a pele da cara / quando anda é sempre comprimado* / quando anda estala as juntas do pé*</i>
Campo lexical	Qualificações
	<i>ser sadio(a) / fiel que saiba engomar / fazer serviço interno de uma casa / saiba cozinhar /que cozinhe bem / bom cozinheiro / que entenda de cozinha / saiba cozinhar perfeitamente / quer-se perfeita cozinheira / dar abono de sua boa conduta* / que</i>

ocorrências 30	<i>dê fiador a sua conduta* / a vista de abono de pessoa fidedigna que afiance a sua boa conduta* / faça as compras diárias / não beba / não peque no alheio / boa conduta* / bons costumes / para o serviço de uma casa / para o serviço interno e externo / que não tenha vício / que seja bem fiel / que seja fiel e diligente / saber tratar de cavalos / saiba cozinhar e engomar / saiba coser / lavar de sabão e cozinhar / ter conduta / se imbuda de criar uma criança / ama com bom leite / uma mulher moça e limpa.</i>
-------------------------------------	--

* Característica em outro campo lexical

A maioria dos negros anunciados andava descalço; com relação às vestimentas, as mulheres mal cobriam o corpo com um tecido grosseiro ou tinham apenas um vestido; na cabeça, usavam um pano em forma de turbante; os homens traziam o dorso nu e uma calça de riscado. Muitos escravos andavam com as vestes esfarrapadas, deixando entrever o corpo, mesmo que a postura legal proibisse isso e responsabilizasse os senhores se seus escravos se apresentassem andrajosos ou sujos. (Costa, 1998). Os escravos que trabalhavam no campo recebiam dois conjuntos de roupa por ano: panos grossos de ourelas ou xales de algodão. Os escravos urbanos tinham um tratamento melhor; eles tinham melhores condições de saúde e tratamento: entrava para a intimidade da família e com isso aumentavam as possibilidades de alforria pelos serviços prestados.

4.6.4 As características exteriores

Campo lexical	Características exteriores - vestuário
<p>ocorrências</p> <p>57</p>	<p><i>calça branca e bonete de cor / calça de algodão azul / calça de algodãozinho alvadio / calça de brim de quadro/calça de casemira de quadro verde / calça de riscadinho usada / calça de riscado d'algodão / calça de zuarte / calça e camisa azul / calça e camisa brancas / calça e camisa de algodão de lista / calça e camisa de magas curtas / calça e camisa de riscado branco e azul / calça e jaqueta branca / calça azul de zuarte / calça preta de pano / calças acidentadas, encorpadas e remendadas no joelho / camisa azul / camisa de algodão da Bahia trançado / camisa de algodão de lista azul / camisa de algodão liso americano branco / camisa de chita preta / camisa de madapolão / camisa de riscadinho azul e calça branca / camisa de riscado com mangas curtas / camisa e calça de algodãozinho / camisa e ceroula de algodão da terra/</i></p> <p><i>vestido com listas azuis encarnada e flores / vestido de algodãozinho de riscado / vestido de calça e jaqueta / vestido de cassa amarelo / vestido de cassa e outro de chita, um de casemira / vestido de cassa encarnada / vestido de chita vestido de chita amarelo com flores encarnadas /vestido de chita com listra côr de rosa e de café / vestido de chita desbotado / vestido de chita roxa / vestido de chita rôxa com flores brancas / vestido de chita roza (sic) com flores miúdas brancas e cor de roxo / vestido de lã, branco e com rosas azuis / vestido de meia já rota / vestido de sarja preta / vestido e camisa de algodão trançado / vestido e calça de casemira azul clara e riscada / vestido saia de algodão azul e nova / xale de chita roxa e listras fazendo quadros /</i></p>

	<i>roupa de algodão / saia de algodão azul / saia de ganga azul / saias brancas / um lenço amarelo no pescoço / pano da Costa / pano da Costa com matames brancos / pano da Costa zeul / pano de Costa com ourelo encarnado / surrão/</i>
--	---

Além das características físicas, comportamentais e as referências ao negro, podemos observar:

- as doenças que assolavam a população escrava;

Campo lexical	Doenças
ocorrências 4	<i>belide (sic) = belida / panos pretos / bexigas / cravos / alguns panos.</i>

- o lugar de origem;

Campo lexical	Lugar de origem
ocorrências 5	<i>nação Angola / nação Benguela / nação Caçange / nação Congo / nação Moçambique (“Mossambique” - sic)</i>

4.6.5 Os ofícios e funções da época

“Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr à desordem”. Pai contra mãe – Machado de Assis

Os registros encontrados apontam, na paisagem urbana do Recife do século XIX, para uma multidão de escravos, na sua maioria, vendendo produtos nas ruas ou em tabuleiros, e para uma série de funções importantes no sistema escravista, como capitão de campo, do mato ou feitor.

Campo lexical	Ofícios / funções
ocorrências 35	<i>pagem / vendedor de frutas / vendedor de água / vendedor(a) / corretor de escravos / cozinheiro(a) / engomadeira / cantador / quitandeira / ofício de canoeiro / ofício de marinheiro / ofício de sapateiro / oficial de pedreiro / oficial de pescador / oficial de sapateiro / capitães de campo / capitão de polícia / lavadeira / barbeiro / padeiro / pedreiro / princípio de costura / princípios de sapateiro / ama / ama de leite / ama seca / ama cativa / ama de casa / ama forra / sapateiro de obras viradas / tocador de flautim / trabalhador de sítio / policiais / catraeiro (sic) / feitor.</i>

4.7 Relações lexicais e raça

O preconceito separava senhores e escravos, sejam eles moradores da zona rural ou urbana. A idéia da inferioridade racial do negro, e sua cor, desde sempre assumiu significados pejorativos, porém não impediu as relações entre negros e brancos, o que resultou na origem dos mestiços.

Na elaboração dos anúncios publicitários relacionados aos escravos, há uma rede de escolhas lexicais e termos que introduzem o racismo, preconceito e revelam o comportamento social a que o negro estava submetido. Os vários adjetivos que se referem à sua condição e a cor de sua pele recuperam, nas sentenças discursivas, a sua condição de subalterno, humilhado e de “coisa”.

As relações lexicais, na construção da mensagem dos anúncios, apontam para um discurso segregativo e discriminatório. Palavras como “negro”, “pardo”, “preto”, e àquelas que estão no campo semântico das palavras pejorativas relacionada ao escravo, indiciam muito mais que a cor da pele, mas a condição, na esfera social, dos indivíduos da época.

No âmbito gramatical a palavra “negro”, “preto” significa substantivo masculino ou adjetivo; fora do sentido morfológico, quando se refere a pessoa que pertence à raça negra, pode ser usada como um desrespeito. O termo “negro” é uma síntese cromática de estigmas relativos à identidade racial e a própria cor adquire uma função estigmatizadora, conforme sugerem seus sentidos negativos nos anúncios e nos dicionários da língua portuguesa.

Nos anúncios, relacionados ao escravo, há poucas ocorrências desses termos como substantivos, quando aparecem, parecem um insulto racial. Esse fato sugere que os itens lexicais parecem incorporar uma referência ao negro e à

escravidão. Sobre o “negro” recai dois estigmas: o de ser escravo e os traços raciais de sua origem: *acabralhado, carapinho, pixaim, achaques, bunda, regrista, acangulados, arruinados, atoleimado, franze, abugalhados, vesga, quitandeira, cambados, beiços, acaboclado e taioca*; ou seja, são expressões de origem africana que identificam o negro dos demais indivíduos.

4.8 Outras análises

Certos dados se afirmaram de forma clara na análise dos 148 anúncios relacionados aos escravos:

- A maioria dos indivíduos que fugiam eram homens;
- Os escravos fugidos residiam na maior parte na zona rural;
- As fugas das mulheres, quando anunciadas, não evidenciavam sinais de castigos ou tortura;
- A fuga dos escravos dava-se de forma isolada, já que normalmente se anunciavam um único escravo, pouquíssimos registros de anúncios com fugas coletivas.
- Dos 148 anúncios: - 86 era de fuga individual (cerca de 58,1%)
- 4 era de fugas coletivas (cerca de 2,7 %)

Os demais anúncios tratavam-se aluguel, permuta, apreensão, etc.

Mesmo oriundos da África, não foi evidenciado vocábulos significativos de base etimológica africana; dos anúncios analisados podemos citar, como exemplo, apenas: *bunda* (do quimbundo: '*mbunda* 'quadris, nádegas'); *acangulados* (de

origem duvidosa; provém do quimbundo '*kangulu*': 'leitão, porquinho' e *quitandeira* (do quimbundo: *kitanda* 'feira' < *kitânda*; vendedora da quitanda).

Carvalho (1996:101) afirma que a cultura é transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar a condição de subsistência dessa cultura. Por isso, a forma mais simples de dominar um povo é minar-lhe a cultura proibindo o uso de seu idioma ou restringindo os espaços de uso, desvalorizando a língua para as altas manifestações culturais ou científicas.

- Uma breve relação quantitativa dos verbos em função de sua força locucionária¹⁶ encontrados nos anúncios de escravos:

Alugar = **14**

Apreender = **5**

Ausentar = **7**

Comprar = **1**

Desaparecer = **51**

Evadir = **1**

Fugir = **29**

Leiloar = **1**

Ofertar = **1**

Precisa = **22**

Seduzir ou furtar = **3**

Trocar = **1**

¹⁶ Resultante da ação de se emitir um enunciado.

Vender = 11

Vender ou permutar = 1

Total: 148 anúncios

É importante ressaltar que, o escravo era ofertado apenas quando este passava da meia-idade, a esta altura, permanecer com um cativo entre 50 e 55 anos era prejuízo na certa; pois velho e doente não poderia mais usar a força física para os trabalhos na lavoura ou na casa-grande.

5. OS ARCAÍSMOS

Para Martins (1989), os arcaísmos são termos que favorecem a evocação do passado. Segundo ela, muitos escritores brasileiros tentaram em sua linguagem reviver os tempos medievais, criando uma atmosfera solene ou pitoresca em seus textos, o que podemos comprovar com a nossa literatura.

Um arcaísmo ou um elemento arcaico só pode ser considerado assim, do ponto de vista atual; caso contrário é impossível comprovar as mudanças fonéticas, semânticas ou léxicas. Para comprovar que o objeto muda, é necessário observá-lo em dois momentos distintos, no passado e no presente.

Retomando as considerações de Coseriu (1979), as quais ele afirma que um arcaísmo só pode funcionar como tal num ponto de vista atual, consideramos que em outras épocas o termo, considerado arcaico, não poderia cumprir essa função. Esse autor afirma que ainda que os falantes tenham consciência de que certos termos são “mais velhos” ou “mais novos” do que outros, eles não manifestam essa consciência ao falar *com* esses elementos, na linguagem, mas ao falar *sobre* eles, na metalinguagem.

Para Vilanova (2001:77) os arcaísmos, são:

“vocábulos, formas, ou construções frasais que saíram do uso da língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes. Do ponto de vista comum e sua norma, diz-se que há arcaísmos em falares regionais em que se mantêm por tradição oral, formas e construções que a língua comum abandonou e não entram no seu uso normal”.

Segundo esse autor, os arcaísmos da língua podem ser usados com valor estilísticos, contudo não deve ele comprometer a clareza e precisão da linguagem.

As causas que determinam a arcaização dos vocábulos geralmente são:

- o **desaparecimento das instituições, costumes e objetos**: escravismo, senzala, capitão-do-mato.;
- o **eufemismo ou a degradação de sentido**: pegar no alheio (roubar/furtar); mucama (empregada doméstica); ama-seca (babá);
- a **sinonímia ou o neologismo**: afro-descendente (negro); cabelo afro (pixaim).
- o **sentido especial**: senzala: houve uma ampliação semântica daquele significado veiculado anteriormente: “alojamento que, nas antigas fazendas ou casas senhoriais, abrigava os escravos”. Hoje senzala é nome de hotéis, bares, boites.

Quanto à sua classificação: dividem-se os arcaísmos em:

- **Léxicos** (ou de palavras): se subdividem em gráficos ou fonéticos, flexionais, semânticos - que constituem o elenco mais numeroso da língua; por representarem um sentido diverso daquele descrito anteriormente.
- **Sintáticos** (ou de construção): refletem os torneios de construção da frase (colocação, concordância, regência) que já não se registram nos textos atuais da língua. A língua antiga era bem mais livre do que a atual no que se refere ao lugar que deve ocupar cada constituinte da frase. Os períodos eram extensos, travados de partículas e de participios; a colocação das palavras

era muito livre na frase; a ordem, rigorosamente indireta e a pontuação, escassa.

5.1 As estruturas sintáticas em desuso _____

Estruturas sintáticas	
	Campo Lexical
Ocorrências	<p><i>“protesta o dono / protestando seu senhor” ;</i></p> <p><i>“tratar de seus panos”;</i></p> <p><i>“tratar-se-á do ajuste”;</i></p> <p><i>“seduzido(a) ou furtado(a)” ;</i></p> <p><i>“ tem os sinais seguintes / com os sinais seguintes”;</i></p> <p><i>“de idade de”</i></p> <p><i>“representa ter”</i></p> <p><i>“ onde se achará com quem tratar”</i></p> <p><i>“ trabalhar pelo ofício”</i></p> <p><i>“ princípio de”</i></p> <p><i>“ o diário de uma casa”</i></p> <p><i>“oriundo de nome”</i></p> <p><i>“aprendendo a barbeiro”</i></p> <p><i>“entende de padeiro e pedreiro”</i></p> <p><i>“ querendo dar abono de sua boa conduta / que dê fiador a sua conduta*”</i></p> <p><i>“a vista de abono de pessoa fidedigna que afiance a sua boa conduta*”</i></p> <p><i>“no queixo uma costura de uma queda <u>em pequeno</u>*”</i></p> <p><i>“ quem o (a) pegar / quem a descobrir / quem a capturar / quem o encontrar / quem poder apreender / quem interessar prenda-o e o conduza / quem os apreender ou deles der notícia / quem pretender”</i></p>

	<p><i>“roga-se a qualquer autoridade policial ou capitães de campo / roga-se a qualquer pessoa que dele tiver notícia / roga-se a quem do mesmo souber / roga-se a quem os apreender ou deles tiver notícias / roga-se as autoridades a captura / roga-se às autoridades dessa comarca e capitães de campo / roga-se às autoridades ou alguma pessoa do povo / roga-se as autoridades policiais e aos senhores capitães de campo / roga-se às autoridades policiais, capitães de campo e (a outra qualquer pessoa, mais pessoas do povo e mais pessoas, que dele tiverem conhecimento, a qualquer pessoa) / roga-se portanto, as autoridades policiais e capitães de campo / recomenda-se às dignas autoridades daquele lugar e capitães de campo / pede-se às autoridades policiais capitães de campo e mais pessoas</i></p> <p><i>“será bem recompensado pelo seu trabalho / será generosamente recompensado / será gratificado generosamente / será recompensado generosamente / será suficientemente recompensado / serão generosamente gratificados / serão pagos do seu trabalho / se recompensará bem / se recompensará generosamente/ que prontamente dará o prometido / que receberá a gratificação / que se gratificará generosamente / que se satisfará o seu trabalho com generosidade / receberá gratificação / gratifica-se a algum particular / terá a gratificação / que gratificará generosamente / premiar generosamente”</i></p> <p><i>“para se venderem de comissão” / “paga-se bem / paga todas as despesas com generosidade / paga-se com generosidade / não põe dúvida ao pagamento / se protesta com todo o rigor da lei / pode-se garantir o bom desempenho de suas funções / promete-se bom tratamento”</i></p>
--	---

* Característica em outro campo lexical

Todas essas estruturas lingüísticas só podem ser consideradas arcaicas em comparação ao gênero hoje, pois é o contexto da construção frasal que determina se o termo ou expressão sintática é arcaica ou está em processo de desuso.

E para comprovarmos as mudanças de uma língua é necessário observá-la em dois momentos distintos, na sincronia e na diacronia. Na sincronia, ou seja, o estado da língua, num dado momento, independente da evolução histórica, não podemos comprovar tais mudanças. Como afirmou Saussure “*as mudanças não existem senão diacronicamente*”.

As palavras não desaparecem de uma língua instantaneamente, às vezes, se arcaizam de uma forma e mudam apenas de significação ou sofrem uma ampliação semântica no seu sentido original. Para estabelecermos se uma palavra é arcaica ou não devemos levar em consideração o contexto histórico, social, regional e a faixa etária dos falantes.

6. CONCLUSÃO

No século XIX, os anúncios relacionados ao escravo eram redigidos no plano enunciativo do relato, com uma estruturação muito semelhante, ao da notícia; mas, a fim de promover o produto, o anúncio do escravo (a ser vendido, alugado ou permutado) passa da informação à persuasão. Na estrutura da mensagem, há um deslocamento da ênfase do produto para o destinatário, ou seja, o anúncio se coloca do ponto de vista do receptor, visando exercer sobre ele um efeito persuasivo.

Os anúncios objetivavam a promoção de um “produto”, ou seja, à força do trabalho escravo e os serviços que este poderia desempenhar na lavoura, campo ou casa-grande. Muitas vezes, o anunciante em vez de falar do produto, fala da força do negro e o descreve da forma que melhor lhe convier. Por exemplo, se o escravo era para trabalhos na casa-grande, este ganhava contornos mais sutis e suaves, porque o anunciante procurava relacionar as qualidades e ofícios que ele poderia exercer. Quando o escravo era para o campo, os traços eram de robustez e força física para o trabalho pesado. Porém, quando fugiam, o anunciante descrevia de suas marcas de castigos ou defeitos físicos aos vícios que eles possuíam, como beber, fumar, ser valente, etc.

Os resultados encontrados, nos anúncios de escravos, revelaram-se valiosos instrumentos de pesquisa que servem para analisar a sociedade, pelo seu caráter documental e por eles registrarem o discurso do dia-a-dia. Dentre os vários motivos do anúncio de escravo, o principal objetivo deles era tornar um escravo foragido ou a ser vendido num ser facilmente reconhecível, por isso, nas descrições, havia riqueza de detalhes com suas marcas e sinais que revelavam uma população

constantemente atacada por problemas de saúde, pestes e principalmente castigos; de tal forma que tornava o texto altamente descritivo e prolixo.

Os níveis discursivos de análises pragmático, argumentativo e ideológico são conjugados para transmitir valores vigentes e alcançar os efeitos perlocutórios desejados, ou seja, favorecer a compra/venda/ aluguel ou encontrar o escravo foragido.

Em relação ao léxico na elaboração do anúncio sobre o negro, no Brasil do século XIX, mencionar ser "africano" era sinônimo de ser "escravo", pois essa era a condição em que vivia a maioria de homens e mulheres vindos daquele continente. A escravidão convertia o homem em mercadoria e transformava-o em "coisa", negando suas qualidades humanas. Os escravos dos anúncios, por mais que lutassem ou contornassem a situação a que eram submetidos, não conseguiam livrar-se daquela situação, porque havia um conjunto de fatores que alimentavam o sistema escravista. Enquanto isso, a sociedade escravocrata tentava manter o *status quo*, encarando a escravidão e suas implicações como normal, natural e admissível.

Esses anúncios não foram escritos para defender ou contestar a escravidão, já que eles serviam de instrumentos para informar à sociedade da época sobre os "serviços" e "bens" que estavam dispostos à população local. Mas, o discurso era proferido pela classe dominante e dirigido a ela como reprodução do sistema vigente. A Lei Áurea é o ponto que separa a etapa escravista no Brasil e as modificações ocorridas na estrutura econômica e social do país. Com o advento dessa Lei, findou-se o período escravista e o negro tornou-se livre, porém as mudanças não foram significativas porque o antigo escravo continuou sendo aliado dos bens sociais.

Quanto aos aspectos lingüísticos, podemos concluir que, os anunciantes da época, mesmo que sem consciência dos critérios de escolha na elaboração da mensagem, utilizavam com freqüência as estruturas, como:

- uso dos intensificadores nos anúncios de venda ou aluguel;
- adjetivação;
- substantivação;
- verbos com força locutória;
- a descrição dos escravos com suas características físicas e comportamentais como esforço persuasivo para favorecer o negócio: compra, vende, aluguel e captura;
- as estruturas lingüísticas que, vistas do ponto de vista atual, podem ser consideradas em desuso ou em processo de arcaização, porque eram próprias da realidade da época e não a observamos mais nos dias de hoje.

As relações lexicais na construção dos anúncios para descrever o escravo revelaram um discurso estigmatizador em relação ao negro, a sua condição social e a cor de sua pele.

Ao final deste trabalho ficam questionamentos não apenas léxicos, mas de interesse sociolingüísticos. As palavras usadas para se referir e descrever o negro nos anúncios de jornal e as relações em torno desses sintagmas nos revelam um grupo de pessoas desfavorecidas socialmente, humilhadas através da linguagem e desconsideradas pela classe dominante.

O léxico de uma língua é a soma das experiências acumuladas da sociedade pela cultura através dos tempos. Os indivíduos dessa sociedade transmitem essas palavras às gerações seguintes e, nesse processo de desenvolvimento, o léxico se expande e se altera ou são criados novos termos para designar novas realidades;

assim, as mudanças sociais e culturais acarretam diretamente nas alterações e escolhas lingüísticas. Como resultado das mudanças ocorridas advindas da abolição, muitas palavras tornaram-se marginalizadas, como por exemplo, “capitão-do-mato”, “ama-seca” e “senzala” e, nesse caso, entram em desuso e podem vir a desaparecer.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M.; BONHOMME, M. 1997. *La argumentación publicitaria: retórica del elogio y de la persuasión*. Madrid: Cátedra.
- ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, V. II. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- AUSTIN, John Langshaw, 1990. *Quando dizer é fazer*. Trad. De Danilo Marcondes de S. Filho. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BAKHTIN, M, 2000. Gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. De Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. 2001. *Teoria lingüística: (Teoria lexical e lingüística computacional)*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 1996. *Revista Alfa*, São Paulo. p 40:27-46.
- BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Organização e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 11. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine (2004). *Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: da informação à sedução – imagens do cotidiano*. USP.
- CARDOSO, Wilton & CUNHA, Celso. *Português através de textos*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 2. ed., 1970.
- CARRASCOZA, João A. 1999. *A evolução do texto publicitário: a associação de palavras como elemento de sedução na publicidade*. São Paulo: Futura.
- CARVALHO, Castelar de. 2003. *Para Compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. Rio de Janeiro: Vozes.
- CARVALHO, Marcus J. M. de. 1998. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- CARVALHO, Nelly. 2004. *Publicidade: a linguagem da sedução*. 3ª ed. São Paulo: Ática.
- _____. 1993. *O léxico da publicidade: descrição e análise do vocabulário das mensagens publicitárias em revistas e outdoors*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE.
- _____. 2002. *Empréstimos Lingüísticos*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

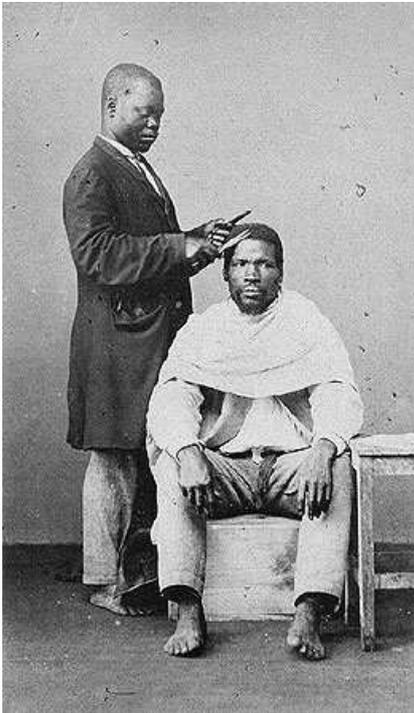
- CASTRO, Yeda Pessoa de. 2002. *A língua jeje-mina no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no séc. XVII*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado e da Cultura.
- CHARAUDEAU, Patrick. 1984. *Le discours propagandiste. Le Français dans le Monde*, n. 182. Paris: Hachette/Larousse. jan., p.99-103.
- COSERIU, Eugenio. 1979. *Sincronia, Diacronia e História. O problema da mudança lingüística*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca/Mário Ferreira. Presença. Editora da Universidade de São Paulo. Rio de Janeiro/RJ.
- COSTA, Emília Viotti da. 1982. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Editora Ciências Humanas.
- _____. 1998. *Da Senzala à Colônia*. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- FAIRCLOUGH, Norman. 1990. *Language and power*. 2 ed. London/New York, Longman.
- FAIRCLOUGH, Norman. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB.
- FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. 2000. *Análisis crítico del discursos*. VAN DIJK (Org.). *El discurso como interacción social*. Estudios sobre el discurso: una introducción multidisciplinar. Barcelona: Gedisa. v. 2.
- FARACO, Carlos Alberto. 1991. *Lingüística Histórica. Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática
- FARIAS, Yaracylda O. (org). 1996. *O Discurso Publicitário: instrumento de análise*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- FREYRE, Gilberto. 1979. *O Escravo nos anúncios dos jornais brasileiros do séc. XIX*. São Paulo: Editora Nacional.
- _____, 1977. *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado rural e Desenvolvimento Urbano*. 2 vols. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____, 1980. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- GOMES, Patrícia Vieira Nunes. 2007. O processo de aquisição lexical na infância e a metalexiconografia do dicionário escolar. Tese de doutoramento. Brasília: UnB.
- HOUAISS, Antonio. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Editora Objetiva.

- LEITE, Marli Quadros. 2003. PRETI, Dino (org). Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP.
- MACHADO, Ana Carlota Rilho. 2006. *Recursos lingüísticos nos anúncios de imóveis de luxo do Recife*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.
- MAESTRI, Mário. 1994. *O escravismo no Brasil*; Coord. Maria Ligia Prado e Maria Helena Capelato. São Paulo: Atual.
- MARCONDES, Pyr. 2001. *Uma história da propaganda brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- MARTINS, Nilce Santa'Anna. 1989. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- MARTINS, Jorge S. *Redação Publicitária: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. 1962. *The Gutenberg galaxy*. The University of Toronto. Press: Toronto.
- PESSOA, Marlos Barros. 2002. *O gênero notícia no Brasil: notas para uma história*. Trabalho apresentado no V Seminário do Projeto "Para a História do Português Brasileiro". Ouro Preto.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1969. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix/USP. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. 1987. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SETTE, Mário. 1978. *Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura.
- SILVA, Alberto da Costa e. 2003. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Editora da UFRJ.
- MORAES SILVA, Antônio. 1813/1922. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacírdina. Fac-símile da edição de 1813.
- SOUTO MAIOR, Ronaldo J. 2005. *Bezerras, seus fatos e sua gente*. Recife: Ed. do Autor.
- VANOYE, Francis. 1981. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. Trad.e adap. de Clarisse Madureira Sabóia. São Paulo: Martins Fontes.
- VESTERGAARD / SCHRØDER. 2000. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Martins Fontes.

VILANOVA, José Brasileiro. 2001. *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Condensada e simplificada por Antônio F. Viana. Recife: A. F. Viana.

WODAK, Ruth. 2000. *Linguagem em (Dis)curso. Do que trata a ACD - Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos*. Universidade de Santa Catarina. v. 1, n. 1. Tubarão: Editora da Unisul.

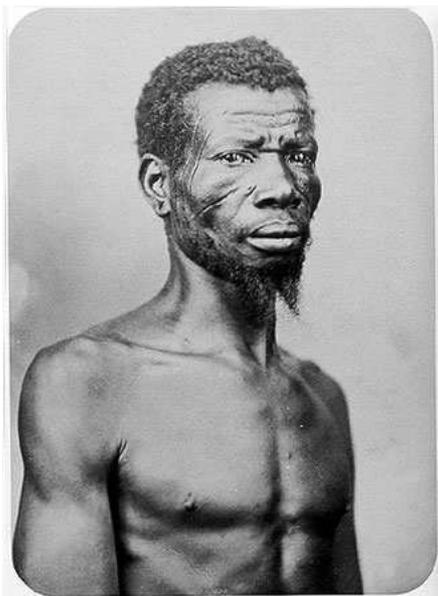
ANEXOS
FOTOS DE ESCRAVOS



O barbeiro: foto de Christiano Júnior / RJ 1866.



A ama Mônica: foto de João Ferreira Vilelea. Recife, 1860.



O tronco nu: foto de August Stahi. 1865.



Escrava africana: foto de Alberto de Henschel, Salvador, 1885.

“Num retrato pode-se ser visto e pode-se dar a ver, alternativas que estão francamente ligadas à relação do retratado com o retratante. Quem encomenda uma fotografia mostra-se, dá-se a conhecer, esparrama-se pelo papel, a si e a seus atributos e propriedades, como gostaria de ser visto, como se vê a si mesmo no espelho. É o sujeito do retrato. Aqui o escravo é visto, não se dá a ver. (...)”.

É certo que o retrato do escravo não lhe era destinado, porém em muitos deles podemos perceber os *indícios* de sua participação na construção daquele que *poderia ser o seu retrato*, através de sua indumentária típica (muitos se apresentavam com suas próprias roupas; um acordo com o fotógrafo, com certeza), seus instrumentos de trabalho, suas expressões, seus olhares, suas poses, seus penteados e suas cicatrizes étnicas. Na sua relação com o fotógrafo, este poderia permitir, facilitar, estimular ou mesmo tentar limitar ao escravo a sua habilidade de se comunicar, de participar como co-autor do (seu) retrato. E, apesar da *assepsia* e da *ordem* retratadas, a condição de *escravo* não era mascarada; a essência da escravidão era ali exposta...

A foto de João Ferreira Villela, Recife, 1860, retrata a ama Mônica, que foi levada ao estúdio pelos seus senhores, que queriam fotografá-la, ricamente vestida, junto ao menino criado por ela. O luxo da ama expunha em público a riqueza da casa ou dos donos, mas escondia, uma história de separação e de dor. Uma história que não era contada, mas que era adivinhada. Inocente nessa história toda, o menino recostou a cabeça e as mãozinhas na sua mãe-preta. Ela era coisa sua, por afeto e, mais tarde, por herança. Apesar da Mônica ter sido vestida com toda riqueza e de não ter ido até lá por livre vontade, ela não se intimidou perante a máquina fotográfica e conseguiu dar a sua contribuição pessoal, através da sua expressão, do seu olhar sofrido, que encara fundo a máquina e que parece nos contar a sua história. O luxo não conseguiu mascarar a condição humilhante da escrava e ela participou na construção da *sua imagem* naquele processo. O *rosto* de Mônica é o *seu retrato*, assim como o ombro que quase escapa do vestido e as mãos grossas encolhidas e de veias altas.

CUNHA, Manuela Carneiro da. 1988. “Olhar escravo, ser olhado”, em AZEVEDO, Paulo Cesar de LISSOVSKY, Mauricio [et ali]. *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Junior*. São Paulo, Ed. Ex Libris Ltda.

ANÚNCIOS

Diário de Pernambuco: Quarta-feira, 23 de março de 1853.

Avisos Diversos – Na terça-feira, 15 do corrente, desapareceu do engenho de Santo Amarinho, freguesia da Várzea, o negro Silvano, com os sinais seguintes: levou camisa e ceroula de algodão da terra, representa ter 20 anos de idade, cara um pouco larga e talhada, altura regular, não fala desembaraçado, e é alguma coisa fula: quem pegar, leve-o ao mencionado engenho, que se será bem recompensado do seu trabalho.

Diário de Pernambuco: Quarta-feira 30 de março de 1853.

Avisos – Desapareceu no dia 26 do corrente mês de março um escravo crioulo de nome Hilário, de 24 anos, côr fula, com panos pretos no rosto, dentes limados, altura regular, e costuma andar com um charuto atrás da orelha: julga-se ter levado camisa de madapolão, calça e jaqueta branca, e mais alguma roupa que se ignora: supõe-se ter ido para algum dos lugares seguintes, em os quais ele tem estado – engenho Paulista, Itamaracá, engenho Pitu, Nazaré, engenho Itapirema do meio. Roga-se às autoridades policiais, capitães de campo e mais pessoas que o virem, se o pegar, o levar à rua da Madre de Deus, loja nº 7, que se satisfará o seu trabalho com generosidade.

Diário de Pernambuco: sábado, 2 de abril de 1853.

Avisos – Vende-se uma preta de meia idade, por 300 \$ rs., por seu senhor retirar-se da praça, a qual lava, cozinha e posta na rua vendendo água dá 400 \$ rs. diários, crescendo a tudo isso ser sadia e ter conduta, e um moleque bonito de 12 anos, bem próprio para pagem por saber tratar de cavalos, ou mesmo para qualquer ofício, por ser crioulo: na rua Larga do Rosário nº36, loja de miudezas.

Diário de Pernambuco: terça-feira, 19 de abril de 1853.

*Avisos diversos - Aviso publicado pelo DIARIO DE PERNAMBUCO nesta data - Desde o dia 11 do corrente pôe-se em fuga o **meu** escravo Gonçalo, crioulo, representa 48 anos com os sinais seguintes: é de boa estatura, meio fula, pouca barba, com falta de dentes, tem uma pequena belide, penso que no olho esquerdo, e o melhor sinal que tem é ter os pés mal feitos, e os dedos grandes torto para dentro, e os mais tem cicatrizes de ferida nas pernas, e mal feitas, por isso anda de calças: quem interessar prenda-o, e o conduza ao sítio Capelinha do Mondêgo, que será recompensado por seu senhor. - Sebastião dos Óculos Arcoverde. Pernambuco.*

Diário de Pernambuco: Sábado, 25 de junho de 1853.

*Avisos diversos - Precisa-se de 200\$000 rs. a juros por tempo de um ano, **dando-se por segurança um escravo** de 25 anos e sadio, e paga-se os juros que convencionar-se: quem quiser este negócio anuncie.*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)